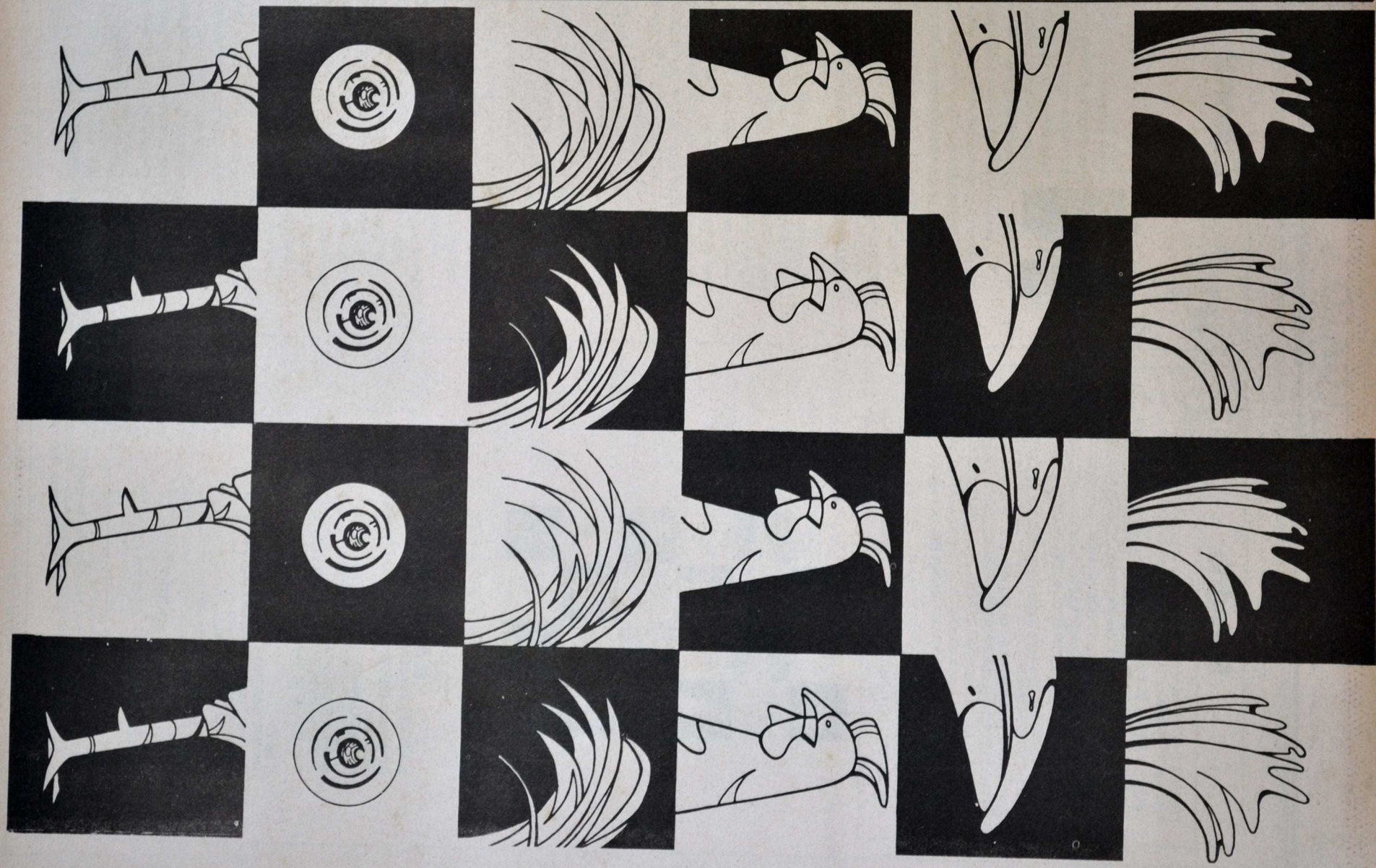
ANO I • Nº 4
NATAL, JUNHO/1988

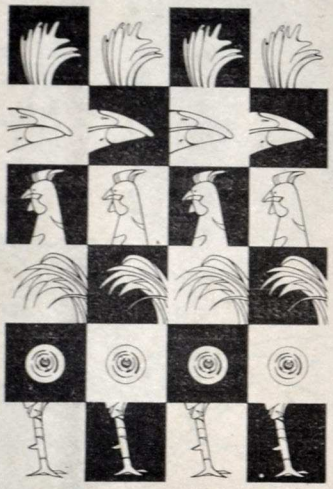
# O GALO

JORNAL CULTURAL
FUNDACÃO JOSÉ AUGUSTO * COMPANHIA EDITORA DO RIO GRANDE DO NORTE



# Sumário


POEMA DE FERNANDO PESSOA ..... 03
FERNANDO PESSOA: "TODO MUNDO E NINGUÉM" ..... 04
CULTURA: MAS O QUE É ISSO? ..... 06
FRAGMENTO (Poema de Miguel Cirilo) ..... 08
GILBERTO FREYRE: AVENTURA E ROTINA ..... 09
O IMPOSTO SOBRE OS SOLTEIROS NA MPB ..... 12
EPÍSTOLA AOS GRANDE MAMÍFEROS ..... 13
GUMERCINDO SARAIVA, ENTRE OS ACORDES DA VIDA E DA ARTE ..... 14
CEM ANOS DE POMPÉIA ..... 16
AQUI E AGORA / APRENDER OU VIR VER ..... 19
ENTREVISTA COM LENINE PINTO ..... 20
FOTOGRAFIAS DE GEOVANI SÉRGIO ..... 22
POEMA DE VARELA CAVALCANTI ..... 23
A IGREJA DO GALO E SUAS CURIOSIDADES ..... 24
DIAMONÓLOGO ..... 25
O GALO CONTA ..... 26
CARTAS DOS LEITORES ..... 27

Capa: FERNANDO GURGEL

# Expediente


**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE**
Governador
**GERALDO MELO**
Presidente da Fundação José Augusto
**WODEN MADRUGA**
Diretor-Presidente da Companhia Editora do Rio Grande do Norte
**WALTER MEDEIROS**

Editora
**MARIZE CASTRO**
Arte-Final, Programação Visual e Diagramação
**GILBERTO ALVES**
**EMANOEL C. AMARAL**
Assessor para Fotografia
**GODEIRO JR.**
Revisão
**BRÍGIDA MAFRA DE MACÊDO**
Montagem
**MARCOS DE LIMA**


# Editorial

"Navegar é preciso, viver não é preciso," disse o poeta. E a vida continua sendo esse mar imenso onde tentamos navegar, apesar dos medos, receios, ódios, amores, sedes, fomes, fantasmas... Reinventar oceanos, recriar embarcações... Tudo para se enfrentar as mortes cotidianas que a vida nos reservou.

O poeta quer apenas que acreditem nele. Eis a sua maior ambição. Talvez a sua única ambição. Aqui falamos do verdadeiro poeta, não daquele que une palavras, constrói versos sem almas, e precisa de elogios.

Poesia: a parte noturna do nosso ser, a luz em seu estado pleno, a dor como única forma de libertação, o entendimento de todos os paradoxos, o salto mortal para a eternidade. Fernando Pessoa, o poeta que se sentia cansado de viver e navegar, mesmo tendo a consciência cotidiana da terrível importância da Vida, essa mesma consciência que o impossibilitou de fazer arte meramente pela arte, e não lhe tirou a compreensão do dever a cumprir para com ele mesmo e para com a humanidade. Pessoa, o poeta dos heterônimos, o amante das nuvens distantes, fora do nosso alcance, por isso amadas e odiadas com a mesma intensidade. Cem anos ele teria se estivesse aqui. Um espírito religioso nascido em 13 de junho. Portanto, homenageando-o, abrimos este número com Diva Cunha falando deste poeta queimado de eternidade.

Os livros também fazem centenário. Estas obras que ultrapassam os séculos são as definitivas, as eternas, precisam ser lidas e relidas, alimentam nosso corpo e alma. O ATENEU, de Raul Pompéia, é uma delas. "Um romance: uma experiência vivida e sonhada no estado de poesia pura," afirma Francisco Ivan da Silva, ao comentar em nossas páginas os cem anos de O ATENEU.

"Gilberto Freire foi um ser plural", a afirmação é do poeta Sanderson Negreiros ao falar, ainda nesta edição, sobre este homem provinciano e universal. Um homem capaz de fortes contradições e de se realizar através do equilíbrio dos contrários, angustiado por compreender e reescrever o Brasil.

Morrer como se quer. Um privilégio. Um gozo puro e solitário. Assim morreu Gumercindo Saraiva, folclorista, escritor, membro da Academia Norte-Riograndense de Letras. Após ter tocado o seu violino (parceiro inseparável), no lançamento do número 03 de O GALO, no pátio interno da Fundação José Augusto, Gumercindo partiu, foi levado subitamente para a outra margem. Sozinho. Deixando-nos surpresos, impotentes diante do desconhecido. Morte: aqui já não há mais heróis, vencidos, carrascos ou mártires. Será o fim que tudo inicia? Veríssimo de Melo, Luiz Rabelo e Cláudio Oliveira relembram Gumercindo, e Firmino de Tibúrcia, um paulista apaixonado por esta cidade cheia de luz, conta a morte do folclorista em detalhes. Se é que podemos chamar de morte todo renascimento. Pois não temos dúvidas que, em algum lugar, Gumercindo renasceu.

Redação: Rua Jundiaí, 641 - Tirol - Natal - Rio Grande do Norte - CEP 59.020 - Tel.: (084) 221-2936. A editoria de O Galo não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nos artigos assinados. Elas não refletem necessariamente a opinião deste jornal.

# Apostila

APROVEITAR o tempo!
Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?
Aproveitar o tempo!
Nenhum dia sem linhas...
O trabalho honesto e superior...
O trabalho à Virgílio, à Milton...
Mas é tão difícil ser honesto ou superior!
É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!
Aproveitar o tempo!
Tirar da alma os bocados precisos – nem mais nem menos –
Para com eles juntar os cubos ajustados
Que fazem gravuras certas na história
(E estão certas também do lado de baixo que se não vê)...
Pôr as sensações em castelo de cartas, pobre China dos serões,
E os pensamentos em dominó, igual contra igual.
E a vontade de carambola difícil...

Imagens de jogos ou de paciências ou de passatempos –
Imagens da vida, imagens das vidas, imagens da Vida.

Verbalismo...
Sim, verbalismo...
Aproveitar o tempo!
Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça...
Não ter um ato indefinido nem factício...
Não ter um movimento desconforme com propósitos...
Boas maneiras da alma...
Elegância de persistir...

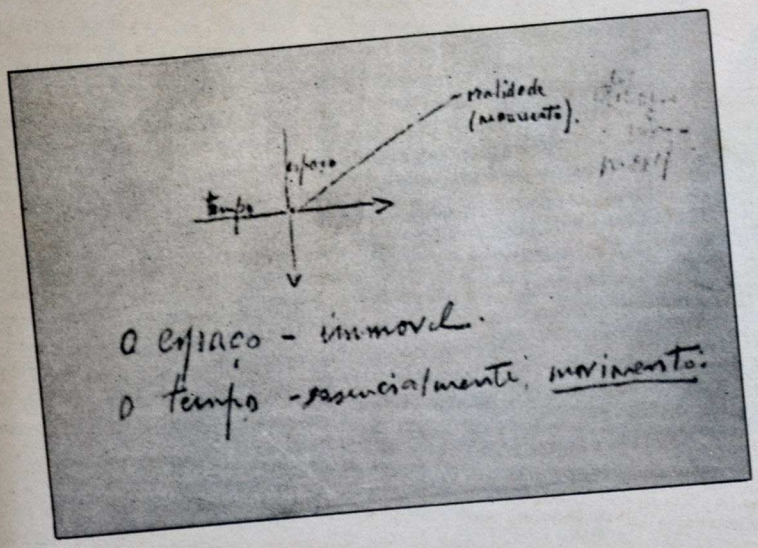
Aproveitar o tempo!
Meu coração está cansado como mendigo verdadeiro.
Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto.
Meu canto (verbalismo!) está tal como está e é triste.
Aproveitar o tempo!
Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.
Aproveitei-os ou não?
Se não sei se os aproveitei, que saberei de outros minutos?!

(Passageira que viajas tantas vezes no mesmo compartimento comigo
No comboio suburbano,
Chegaste a interessar-te por mim?
Aproveitei o tempo olhando para ti?
Qual foi o ritmo do nosso sossego no comboio andante?
Qual foi o entendimento que não chegamos a ter?
Qual foi a vida que houve nisto? Que foi isto à vida?)

Aproveitar o tempo!
Ah, deixem-me não aproveitar nada!
Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de ser!
Deixem-me ser uma folha de árvore , titilada por brisas,
A poeira de uma estrada involuntária e sozinha,
O regato casual das chuvas que vão acabando,
O vinco deixado na estrada pelas rodas enquanto não vêm outras,

O pião do garoto, que vai a parar,
E oscila, no mesmo movimento que o da terra,
E estremece, no mesmo movimento que o da alma,
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino.

Fernando Pessoa




**Notas de Pessoa sobre o Espaço e o Tempo.**

O tempo em si contem a possibilidade de todas as durações; o espaço em si a possibilidade de todos os tamanhos, de todas as extensões; a forma em si a possibilidade tanto do currículo como do triângulo, a possibilidade de todas as formas.
Assim como o tempo-em-si, isto é, a eternidade, é inconcebível, da mesma maneira a forma em si é **impensável.**
Só compreendemos o tempo quando ele se materializa, se se momeniza, em uma duração qualquer; só compreendemos a forma quando ela se determina como, por exemplo num círculo ou num triângulo. (...)
Tudo isto quer dizer simplesmente uma coisa: que o tempo, a forma, etc., só se tornam perceptíveis quando encontram um objeto. Ora, para isto assim ser, é lógico que o objeto em si não conheça o tempo e o espaço, seja **extemporâneo e imenso,** anterior a tempo e espaço, se assim se pode falar. **(apontamento sem data).**

# FERNANDO PESSOA
## "Todo mundo e ninguém"

DIVA CUNHA

Arquivo Centro de Estudos Pessoanos

**Impossível abeirar-se, deste cada vez maior poeta da língua portuguesa moderna, sem um certo receio e espanto.**

**Ser original, como poderia, se num levantamento parcial feito em 1983, João Blanco já relaciona 1.312 variados estudos e/ou trabalhos sobre a obra pessoana!?**

**Se às margens do Tejo morasse, ousaria atrevidamente invocar às musas – "Tágides minhas" – para acompanhar-me nesta arriscada aventura. Como o rio da minha terra não leva a parte alguma, pois só os navios pequenos e calados nele entram, cabe-me pedir conselhos e aviso a – "tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire" ( Álvaro de Campos – Tabacaria) – para que mão sobre a minha mão e texto sobre o meu texto, se inscreva e escreva no que necessário se faça.**

### Projeto Poético: A heteronímia e o heterotexto

Um e vários, eu e outros ao mesmo tempo é Fernando Pessoa um fenômeno (quase) único na Liberatura Ocidental. Poeta-dramático, como assim se nomeou, multiplicou-se em "obras-de-poetas" tão diversas entre si, que se juraria não terem sido escritas pelo mesmo homem.

Os heterônimos Alberto Caeiro (o mestre de todos), Ricardo Reis (o poeta clássico à maneira antiga), Álvaro de Campos (o poeta futurista e às vezes metafísico), vão compor um coral de vozes, que podem ser compreendidas como tentativas pessoanas de dar forma a possíveis modos de existência.

No palco armado pelo poeta – "cena do significante texto" – vão desfilando os variados discursos cuja lógica básica é a de contradição permanente, sustentados no entanto por um fio único – matricial – o da discussão de ser o seu trabalho, um trabalho de/com a linguagem, e a certeza da impossibilidade desta representar o real.

A consciência da falta de lugar e/ou função para o poeta e seu produto à aguda lucidez da crise vivida pelo homem – ser fragmentado e contraditório – na sociedade capitalista, serão as bases da construção do fenômeno heteronímico.

Ser "todo mundo e ninguém", como disse o Mestre Gil Vicente, já nos primórdios da nacionalidade portuguesa, talvez seja a solução para esse impasse. Reescrevendo infinitamente os textos que considera fundamentais, na aventura literária do homem, vai Fernando – e suas pessoas – apontando as vias de acesso à modernidade.

"Que da obra ousada é minha parte feita:
O por-fazer é só com Deus."
(F. Pessoa, Mensagem)

É pois, a partir do diálogo com autores considerados referenciais, que se constrói a intertextualidade pessoana. Para Reis – Horácio e Epicuro; para campos – Whitman e Marinetti; para Caeiro – Cesário e Pascoaes e para ele mesmo, as duas vigas mestras das literaturas que o moldaram intelectual e afetivamente: Camões – o que deu a língua sua definitiva feição de idioma literário nacional (Afinal – "minha pátria é a língua portuguesa") e Shakespeare.

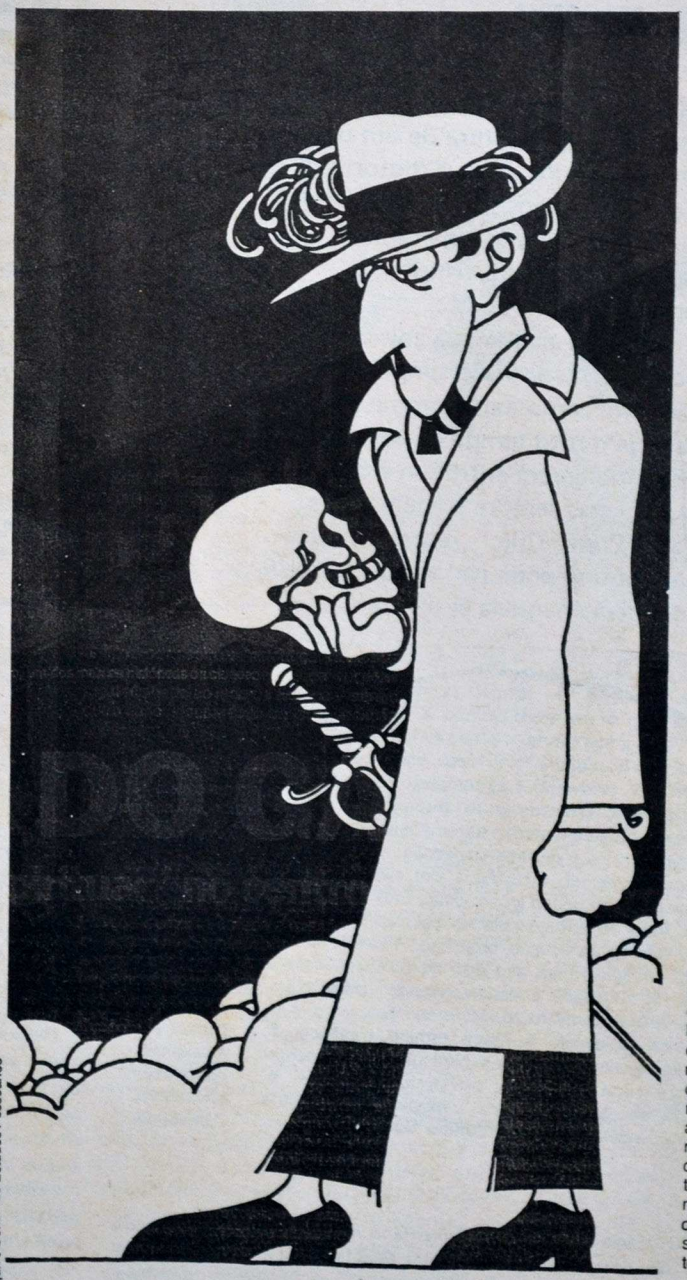
Porém, não é só na gênese dos heterônimos, cada um à sua maneira, propondo caminho e diálogo no sentido da compreensão do poeta a si mesmo e ao mundo, que se manifesta a especial genialidade pessoana. Pois, por outro lado, foi ele o primeiro a apontar a presença da leitura e do leitor como instâncias participantes e fundamentais do fenômeno literário além das dimensões já conhecidas: o autor e o texto.

Seu poema "Autopsicografia", que é, na verdade, a sua arte poética, explicita os lugares de cada uma destas instâncias dentro do texto ("e os que lêem o que escreve na dor lida sentem bem/ não as duas que ele teve/ Mas só a que eles não têm" (Fernando Pessoa – Autopsicografia) longe da proposta de inspiração e sentimentalidade.

Constitui este modelo o que Júlia Kristeva chamou de heterotexto – espaço dialógico de escrita e leitura. Escrita que não é somente o "querer-dizer" do autor, leitura que não é apenas o "querer-ler" do leitor. Diálogo, enfim, entre textos e homens.

# Projeto Político

## "E outra vez conquistemos a Distância
## Do Mar ou outra, mas que seja nossa"
## (F. Pessoa – Prece-Mensagem)



Arquivo Centro de Estudos Pessoanos

"Cumpriu-se o Mar e o Império se desfez
Senhor, falta cumprir-se Portugal"
(Mensagem – Fernando Pessoa)

Pessoa pertence a um especial grupo de intelectuais portugueses, cuja pulsão literária determinante foi a problematização da relação escritor (consciência individual) com a realidade específica e autônoma que é a Pátria. Esta motivação profunda que pode ser lida (vista) como uma ruptura, está na base de toda grande literatura portuguesa do século XIX, vindo desaguar com vigor na obra pessoana, especificamente nos poemas de Mensagem.

A primeira voz a questionar este estado de coisas, ou o triste estado de sua pátria, subdesenvolvida e miserável em relação as potências européias – será a de Almeida Garrett, nas suas "Viagens a Minha Terra". Esse momento de fundamental interpelação da realidade nacional não será obviamente concretizado através de um discurso político, mas sim, através da instauração de uma nova escrita – Romântica – que reescreverá Portugal em termos específicos.

A partir de Garrett, esse tema será permanente e significativamente visitado pelos tais importantes escritores do século passado. Não pode-se deixar de lembrar, neste momento, as famosas conferências do Cassino organizadas pela geração 70, onde foram discutidas (até a proibição) as mais candentes questões da história portuguesa como um todo, O Ultimatum de 1980 (Portugal) converterá esta preocupação com o ser e o destino de Portugal em autêntica obsessão.

No chão varrido pelas tempestades da descrença e da desordem (Regicídio/República/Assassinato do Presidente Sidônio Paes) é que trombeteará Fernando Pessoa do alto dos seus 24 anos, anunciando a vinda de um Super-Camões, que era, enfim, ela mesmo.

Sua criticada e tão mal entendida pretensão, tinha valor de um gesto simbólico, propor ao povo português uma nova visão de pátria (Super-Portugal), desatrelada dos laços de dependência em relação às grandes culturas européias (França, Inglaterra e Alemanha) e em relação a própria concepção íntima de "grande-pequeno-povo", amesquinhando por deslizes históricos. Essa sua vocação patriótica – desejo de ver Portugal alinhado ao lado da Europa – será o outro lado inseparável da sua vocação poética.

"A mão que ergue o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu."
(F. Pessoa – Occidente)

É em Mensagem, unico livro que publica em vida, participando de um concurso onde fica, em segundo lugar, que Pessoa cumprirá à risca a missão a que se determinou: realizar a mais completa autognose nacional. Apelando para uma linguagem plena de significados esotéricos, onde se misturam elementos da cabala, rosa-cruz e outros, o poeta a bordo do "nacio-nação" revisita personagens e momentos da história nacional, invertendo de certo modo o percurso camoniano realizado n'**Os Lusíadas**. Dos "barões assinalados" daquele, privilegiará outros nomes cujos propósitos estejam vinculados a uma noção de pátria transcendente, que não se esgota, não definha ou morre, quando encerrado o ciclo das conquistas e explorações, por estar dissolvida na universidade e de ser tudo e todos ao mesmo tempo.

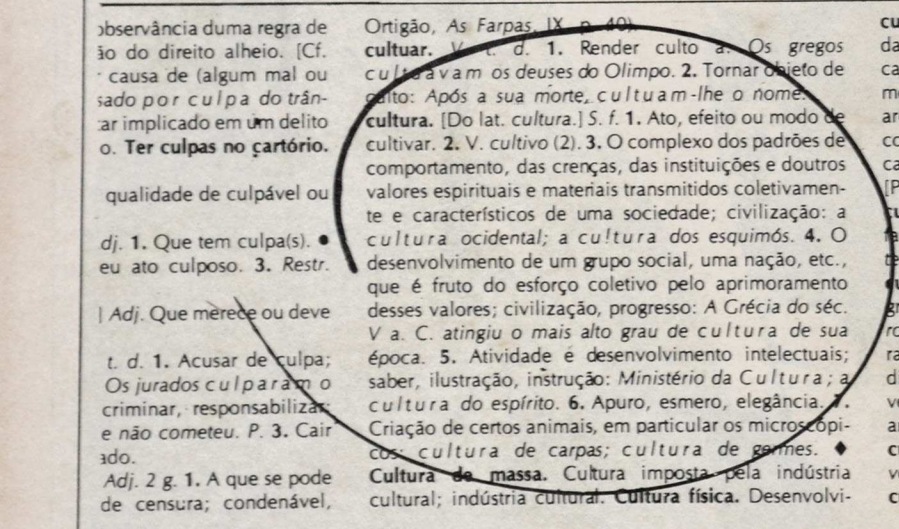
**Diva Cunha** é poeta, autora do livro "Canto de Página" (Editora Clima). Professora do Departamento de Letras da UFRN.

# CULTURA:
## Mas o que é isso?

ARI ROCHA

Um de meus amigos da juventude afirmava que a melhor maneira de conhecer, de fato, a cultura de um povo, era observar o comportamento de seus motoristas nas horas "de pico" do trânsito urbano e não, como se faz habitualmente, analisando os trabalhos de seus artistas, literatos, arquitetos, etc.

Por muito tempo resisti em aceitar sua colocação, que considerava reducionista; uma visão simplista de um problema extremamente complexo, como é a cultura. Hoje, porém, passado já muito tempo dessas discussões que tanto nos empolgaram entre um e outro "chopps" (os paulistas sempre tomam chopp no plural . . .) do "Ponto Chic", retomo o tema porque, afinal, a hipótese pode não ser tão absurda como parecia naquela época.



)bservância duma regra de
ão do direito alheio. [Cf.
causa de (algum mal ou
sado por culpa do trân-
ar implicado em um delito
o. **Ter culpas no cartório.**

qualidade de culpável ou

*dj.* **1.** Que tem culpa(s). ♦
eu ato culposo. **3.** *Restr.*

| *Adj.* Que merece ou deve

*t. d.* **1.** Acusar de culpa;
*Os jurados culparam o*
criminar, responsabilizar;
e não cometeu. *P.* **3.** Cair
ado.
*Adj. 2 g.* **1.** A que se pode
de censura; condenável,

Ortigão, *As Farpas*, IX, p. 49).
**cultuar.** *V. t. d.* **1.** Render culto a. *Os gregos cultuavam os deuses do Olimpo.* **2.** Tornar objeto de culto: *Após a sua morte, cultuam-lhe o nome.*
**cultura.** [Do lat. *cultura.*] *S. f.* **1.** Ato, efeito ou modo de cultivar. **2.** V. *cultivo* (2). **3.** O complexo dos padrões de comportamento, das crenças, das instituições e doutros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade; civilização: *a cultura ocidental; a cultura dos esquimós.* **4.** O desenvolvimento de um grupo social, uma nação, etc., que é fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento desses valores; civilização, progresso: *A Grécia do séc. V a. C. atingiu o mais alto grau de cultura de sua época.* **5.** Atividade e desenvolvimento intelectuais; saber, ilustração, instrução: *Ministério da Cultura; a cultura do espírito.* **6.** Apuro, esmero, elegância. **7.** Criação de certos animais, em particular os microscópicos: *cultura de carpas; cultura de germes.* ♦ **Cultura de massa.** Cultura imposta pela indústria cultural; indústria cultural. **Cultura física.** Desenvolvi-

**cumaru-do-ce**
da família da
casca grossa,
medicinal, flo
aromáticas, e
contendo um
caatingas, cu
[Pl.: *cumarus*
**cumarurana.**
família das le
*terix oppositif*
**cumaru-verda**
grande e eleg
frouna odorata
ram uma sem
dicinal, e cu
vermelhas e
amazonas, cu
**cumaruzeiro.**
verdadeiro.
**cumatanga.** S

*É deste modo que o "Dicionário do Aurélio" define cultura. No entanto, sempre que se fala do assunto, a preocupação mais geral é direcionar para a produção da elite (nos seus mais diversos tipos de manifestação). Algo como o feudo de uns poucos privilegiados o que, evidentemente, a ninguém surpreende: a existência desses feudos chega a se constituir como traço cultural da sociedade brasileira; desde 1500, quando os "descobridores" nos legaram/impuseram seus valores.*

*Esta visão, no entanto, conduz ao entendimento da "cultura" (entre aspas), como manifestação de expoentes que ainda prevalesce. O pior é que essa é uma atitude que reafirma os mecanismos de centralização ainda hoje vigentes no país, que em nada favorece a escassa (e pouco respeitada) produção cultural norte-riograndense. Nem mesmo Luís da Câmara Cascudo conseguiu sair ileso dessa postura oficial, tendo confidenciado numa conversa a que também estavam presentes Deífilo Gurgel e o jornalista (da Folha de São Paulo) Miguel de Almeida, que uma de suas maiores mágoas era a incompreensão da Universidade, que incapaz de aceitar suas aulas (ministradas de maneira não formal), o desligou do seu quadro de professores.*

*A visão oficialista que impediu a Cascudo uma transmissão mais ampla do seu saber, é a mesma que tenta passar a idéia de que intelectual deve ser um personagem inacessível, "falando em latim"; que aceita passivamente que o máximo mandatário do país, nos dirija sua fala monótona e pretensamente populista, em rede nacional de televisão, iniciando sempre com a "pérola" de ociosidade que é seu — "brasileiros e brasileiras. . ." (fico imaginando que se dissesse algo do tipo tailandeses e tailandesas, poucos se dariam conta). Além da inércia e desencanto da sociedade, que mais parece anestesiada, são muito poucos os que ainda mantêm seus televisores ligados para vê-lo e, menos ainda os que lhe dão crédito. De qualquer modo, ninguém pode ignorar que a "importância e o incentivo" que se conferem à cultura, apesar da maciça campanha publicitária, podem ser traduzidas pelos seguintes dados: a Lei Sarney permite um abatimento máximo de 2% (dois mesmo) do imposto devido pelas empresas e, quem acha que isso é pouco, compare com o máximo de 1% que profissionais e professores podem abater de seus impostos, para a compra de livros e periódicos. "Tudo pelo . . . financeiro"!*

*Não é, pois, sem motivo, que as pesquisas sobre hábitos de leitura não surpreenderam com seus resultados que mostram a verdadeira face de um povo inculto e, no máximo, trouxeram preocupação para alguns livreiros e editores. A solução é deixar a parte a postura hipócrita e pouco comprometida com a verdade, na melhor tradição da Câmara de 1548 (onde o Rei de Portugal fazia a indicação dos membros entre os "homens bons" da sociedade), e definir os parâmetros para a análise da cultura do RN fora dos âmbitos ditos clássicos. Porque não fazê-lo avaliando o comportamento dos motoristas como propunha meu amigo?*

*Qualquer observador mais atento do "cenário" urbano pode perceber que os motoristas, sobretudo nas horas de tráfego mais intenso, são obrigados a agir sob pressão e, nessas condições, as pessoas se revelam qua-*

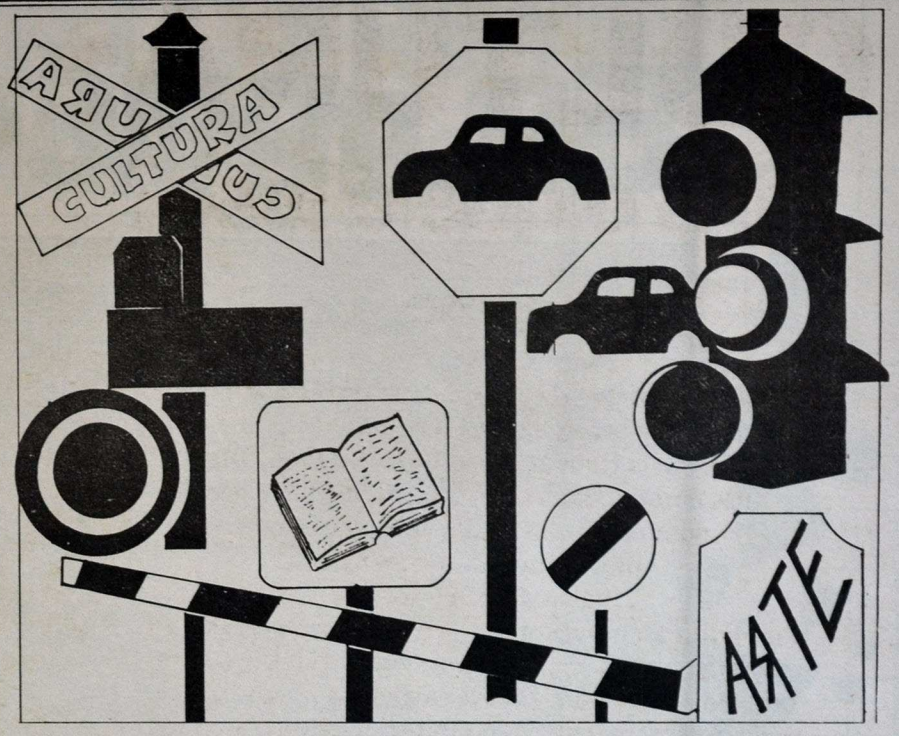



Ilustração de Gilberto Alves

*se que do mesmo modo que num divã de psicanalista. O tipo de relações resultantes pode ser bem mais abrangente do que aparenta e uma análise mais cuidadosa mostra que suas reações são mais verdadeiras, refletindo, inclusive, atitudes gerais de comportamento.*

*Por outro lado, representam os mais diversos níveis e estratos da sociedade, suas posturas ante o patrimônio comum, o respeito aos seus semelhantes e, até mesmo, os referenciais e atitudes do poder público com relação à comunidade, já que veículos e pedestres se locomovem em vias públicas cuja regulamentação e sinalização é responsabilidade governamental. Assim teremos situações em que a ausência de sinalização (ou a falta de fiscalização responsável) provocam embaraços ou, até mesmo, danos para os usuários, como os acidentes (alguns com vítimas) recentes, decorrentes da inexistente caracterização de via preferencial por meio de placas normativas ou diferenciação do revestimento do piso, demonstrando na sucessiva repetição o desinteresse dos setores responsáveis, pela integridade dos cidadãos. Mas há outras evidências dessa postura do poder "acima" da população, na forma de agir dos policiais que favorecem as contravenções, aceitam suborno ou interpretam de forma pessoal os regulamentos, mesmo que essas manifestações representem a forma de comportamento de uma minoria.*

*Com relação aos motoristas, é freqüente a referência de que as pessoas se transformam quando tomam o volante de um veículo (num desenho animado do comportado estúdio Disney, por exemplo, o personagem literalmente vira fera na hora de dirigir). De fato, a situação equivale de certo modo à de vestir uma armadura que aumenta o poder individual e, não sem razão, os modelos de maior potência e velocidade são a aspiração da maioria; as buzinas tocam cada vez mais alto; os faróis são cada vez mais poderosos; etc., etc. Como definiu Joelmir Beting, o homem é cada vez mais um animal de quatro . . . rodas. E sendo assim, os que ainda caminham sobre duas pernas, em nosso país pelo menos são tratados como seres inferiores. As faixas de pedestres, quando existem, são desrespeitadas tanto pelos motoristas, como pelos próprios pedestres que insistem em não utilizá-las.*

*Mas a indisciplina não se manifesta só desse modo, pois aumenta a quantidade de pessoas que avançam no sinal vermelho, estacionam em local proibido ou sobre as calçadas, mesmo quando a infração não é absolutamente necessária, aumenta a cada dia. É a mesma desrespeitosa prepotência que se verifica nos "carros de som" que, apesar do poder municipal (no seu total alheamento) não ter regulamentado as questões referentes à poluição acústica, agridem os ouvidos e a privacidade da população. Caracteriza-se uma espécie de "Síndrome de Tarzan", onde se tenta convencer através do grito e da força, aqueles que pensam de forma diferente. Essa prepotência, no entanto, faz parte de um quadro mais amplo do nosso "perfil" cultural, caracterizado pela necessidade de "levar vantagem". Quanto mais deserdado da sorte, o ser humano mais tem necessidade de se afirmar não importa a que preço, e então prevalece a postura de que o mundo é dos espertos, cabendo a cada um o direito de utilizar todos os meios disponíveis (lícitos ou ilícitos, não importa) para superar seus semelhantes. Não é a toa, que cada vez que o semáforo acende a luz vede, assiste-se uma verdadeira "largada" de corrida automobilística, acompanhada de um "festival" de buzinas dos que estão nas filas mais recuadas.*

*Existem outras atitudes que refletem comportamentos mais gerais, como a mudança indiscriminada de fila. Poucos motoristas se mantêm numa mesma fila enquanto dirigem e quase ninguém mantém-se à direita. Cheguei a brincar com um amigo que me perguntava se o tempo que morei fora do país tive saudade de Natal e, como resposta, disse que só quando estive em Londres, porque lá os ônibus, caminhões e veículos lentos também usam a pista da esquerda para circular. Mesmo não tentando comprometer os políticos, que mudam de lado e partido com a mesma facilidade com que os motoristas trocam de fila, pode-se perceber aí um reflexo da ambigüidade da nossa "cultura macunaíma", eternamente sem caráter definido e em permanente busca de sua identidade.*

*Poderíamos seguir assim, referindo uma infinidade de relações entre o comportamento dos motoristas e seus equivalentes em termos mais gerais da cultura local, mas seria até um desrespeito à inteligência e à imaginação do leitor. Mesmo aqueles não atingidos pela "Síndrome de Doutor", que obriga a posse de um diploma de curso superior para evoluir socialmente e "fazer carreira", ou até mesmo para conseguir um bom casamento. . . Sei que está aberto um grande filão para a criatividade dos que quiserem pensar em situações não descritas, pois não se falou a respeito de seriedade, de rigor técnico, e em última análise de competência. Digo em última análise, porque essa é uma qualidade que praticamente não é exigida em nosso país, senão o Presidente jamais iria aos meios de comunicação para dizer que se perguntou porque Deus o escolheu para o cargo máximo (se bem que a maior parcela da nação preferia ter escolhido diretamente e pelo voto), e, ele mesmo respondeu, afirmando que por seus dotes de paciência. A competência em nenhum momento foi lembrada. . . mas já começa a ser exigida.*

**Ari Rocha** é doutor em Arquitetura/USP
Professor da UFRN.

# FRAGMENTO

uma rosa
.....algures
fulgura um instante
i(móvel) e e(eterna)
e não pertence a ninguém.

tens
apenas o que és:
o sobrenatural é
**isto**

quem tu és
não existe
quem existes
não é: o que de ti existe escapou de ti mesmo
**como um fruto cai da árvore**
para ser consumido
à mesa do tempo.

perguntas onde estás
quem são estes que te chamam pelo nome
como se te conhecessem
que se te conhecessem não te chamariam por nome algum.

..... ELES NÃO ESTÃO EM PARTE ALGUMA
são apenas o tempo em que te moves
e morrem quando morres.

---

anotação à margem do poema:

é preciso estar vigilante
como um atalaia nos altos montes
porque, ao menor descuido, nos desprendemos
e caímos novamente nos profundos poços
do tempo e chamaremos com estranhos nomes ao nosso esquecimento das alturas.

**MIGUEL CIRILO**

**Miguel Cirilo** é poeta. Foi um dos integrantes do movimento do poema-processo. Autor do livro "Os elementos do caos".

# GILBERTO FREYRE
# Aventura e Rotina

SANDERSON NEGREIROS

"Gilberto Freyre é um caminho, um método", sentencia o poeta Sanderson Negreiros após anos de leitura e releitura sobre o sociólogo. Entre o apolíneo e o dionisíaco o poeta expõe todo o seu fascínio por esse homem que ao desnudar o nosso passado mostrou-se imensamente atento e preocupado com o nosso futuro.

Gilberto Freyre, um ser plural.

## I

Ouvimos, certa noite, em intenso e profundo sertão de uma pequena cidade, a meio de uma festa de padroeira, o acorde de uma frase encantatória de um cego de feira, dizendo-nos: "Menino, só existe um caminho. O resto são veredas". Hoje, chegamos a conclusão de que o mestre de Apipucos é um caminho, um método, como quis outro Gilberto, mais arrebatado, que era Gilberto Amado, mas tão inúmeras, diversificadas e populosas são as veredas para a compreensão do fenômeno cultural gilbertiano, que força é se parar, extenuado, e se repetir Ruy Barbosa às portas da Bahia: "Não sei como começar". Logo de Gilberto Freyre, o menos retórico e o mais anti-Ruy possível...

## II

Tudo começou, para uma inicial abordagem metodológica, com a frase, que se prolonga, ainda hoje, como um início sinfônico, na abertura de "Casa Grande e Senzala": "Em 1930, aconteceu-me a aventura do exílio". Aí, começa também a biografia espiritual de um ser, tocado pela angústia unamuniana de compreender, no caso, compreender e reescrever o Brasil. Até então, éramos um celeiro infatigável de atitudes de pensamento, marcado tão somente pela disposição parnasiana de olhar o fenômeno vital: a nação que requeria um estudo de sua verdadeira identidade, da gênese, quase milagre, que fez do país um exemplo planetário, onde se congregam tantas contradições, mas riquíssimos em sua exemplaridade de convergências antropológicas, sociais, humanas, políticas e culturais. Mas, antes da aventura do exílio, Gilberto Freyre havia sido uma presença perceptiva, nos grandes centros universitários dos Estados Unidos e da Europa, do que se fazia, em matéria de estudo e pesquisa sociológicas, para, quando do seu retorno, acontecer essa sintonia descobridora, de rumos absolutamente inaugurais, a partir do estudo da formação patriarcal, no Nordeste brasileiro, entre 1600 a 1800.

## III

Depois de tantos anos de leitura e releitura de Gilberto Freyre, e de procurar conhecer e situar os grandes depoimentos sobre sua obra – que vai de uma hagiografia às vezes militante, o "flos sanctorum", de quase exaltada admiração, até o martirológio romano de uma oposição que se radicaliza –, ainda procuramos encontrar, agora, a vereda de que falamos inicialmente: é preciso se estudar o que existe de tensão no equilíbrio dos contrários – expressão modelada na filosofia grega – entre seu modo de ser uma individualidade e a sua obra, o mundo vasto mundo de Drummond, que se realiza, sobretudo, pela força de aparentes contradições. Uma contradição dialética, biograficamente apontável, e especulativamente demonstrável. "Aventura e Rotina", além de ser o título do talvez seu livro preferido, é muito indicativo do homem provinciano e universal que coabitam nele.

**Antes da aventura do exílio, Gilberto Freyre havia sido uma presença perceptiva, nos grandes centros universitários dos Estados Unidos e da Europa, do que se fazia, em matéria de estudo e pesquisa sociológica.**

## IV

Gilberto Freyre foi um ser plural, com uma metodologia que difícil seria enquadrá-la em parâmetros científicos, ou defini-la em compartimentos estanques De início, em tudo que disse e escreveu, sente-se o frêmito da necessidade de compreender, aquele estágio de auto-conhecimento que só se realiza na compreensão do mundo e do semelhante, que tanto marcou a velhice olímpica de um Goethe – muito mais: uma consciente e desassombrada oposição ao que se poderia chamar, em termos de legado na nossa filosofia ocidental, de lógica aristotélica, marcada por um compasso binário, avaliando-se, aí, que ele chega ao que, em filosofia zenbudista, é a saída desse aprisionamento de logicidade que tanto tem derrotado a imaginação do nosso homem ocidental. Falamos, diante da necessidade de abordagem da obra e maneira existencial de Gilberto, na sua realização através do chamado equilíbrio dos contrários, mas mesmo, aí, ainda residiria, o espartilho aristotélico. Sente-se, em Gilberto, que ele só se realiza através da contradição, mas saindo, logo, para um reequilíbrio vital e especulativo, às vezes de maneira inesperada, outras tantas, dentro do método de seu querido Unamuno, de maneira angustiadamente nova. Até que alcance, o que nele seria a síntese, a claridade vitalista de seu também muito caro Ortega y Gasset. O apolíneo e o dionisíaco, que não contrastam sua personalidade, mas realçam seu modo de ser original.

## V

E exemplificamos: ninguém pôde mais parecer preocupado com o próprio Eu, do que Gilberto, mas ninguém foi capaz de ser mais generoso com o outro – a descoberta do Outro, de que falava Gustavo Corção –, ninguém mais afeito às grandes amizades, à preocupação, quase solitária, pelos que o cercaram, ou mesmo dele estiveram afastados. Em

sua vida, há traços revolucionários, não só quando teve a coragem de escrever, em sua obra, sobre temas eternamente proibidos, mas pela oposição política que tomou em 1945 contra o Estado Novo, quando repetia, em praça pública, parafraseando o grande mestre de Salamanca: "Não me doem os braços. Não me dói o corpo. Dói-me a Espanha". No caso, Pernambuco, mas também sua posição, que se diria conservadora, nos últimos decênios, faz com que tenha sido, talvez o primeiro, no Brasil, em nome de seu prestígio incontestável, a lançar publicamente Tancredo Neves como candidato à Presidência da República, reingressando, assim, num novo liberalismo, à maneira de um Afonso Arinos e de um Miguel Reale. Mas, mesmo na sua fase conservadora, mas anti-totalitária, ele causava dor de cabeça aos seus críticos, quando se declarava um anarquista, de um anarquismo que ele bebeu nas águas lustrais de um Sorel. Tradicionalismo, regionalismo e hispanismo poderiam ser, segundo José Guilherme Merquior, as balizas em que se compartimenta quase tudo que ele fez e escreveu. Hispanismo, contudo, que também foge ao figurino, ou àquilo que Eugenio D'Ors chamou de "la santa continuidad", expressão tanto do agrado do nosso querido Câmara Cascudo.

Gilberto Freyre jantando em Londres com Antonio Torres (Caricatura de Gilberto Freyre, 1923)

**Sente-se, em Gilberto, que ele só se realiza através da contradição, mas saindo, logo, para um reequilíbrio vital e especulativo.**

## VI

Afonso Arinos, um dos que tentaram uma abordagem gilbertiana "avant la lettre", diz que "Casa Grande e Senzala" lembra muito os "Ensaios" de Montaigne, como que havendo afinidades eletivas inquestionáveis, para chegar a uma conclusão: Montaigne elegeu a morte como um dos seus temas prediletos. O que contrariava Gilberto, que tinha no seu ser-para-o-mundo, de Heidegger, uma oposição permanente no ser-para-a-morte. E Gilberto não parou, descobrindo, em incessante angústia de mandar seu recado, temas novos,como os da medicina, para alargamento enriquecido de sua reflexão, que traz a memória de tudo. Até a criação da sua teoria do tempo trí-bio – a junção do passado, presente e futuro, em um só tempo – vai remanescer à teoria intuicionista de Bergson, que ele trouxe para o Brasil, nos idos de 20, como novidade filosófica. E, nesse capítulo, foi ele quem primeiro nos falou de um Chesterton, de um Maritain, dos poetas imagistas como Yeats – por ele tão definitivamente compreendido –, depois de ter compassado uma visão cultural, que ele trazia naquela época, que vai de "Ulisses" de James Joyce até o regionalismo de um Maurras, sem o ranço de um reacionarismo monárquico de uma nova Idade Média.

## VII

Quando, no Castelo de Cézirie, na França, realizou-se um seminário em torno de Casa Grande e Senzala, houve célebre polêmica entre Roger Bastide, o admirável Roger Bastide do "Brasil, País de Contrastes", com Gurvitch, o maior sociólogo do Direito do nosso tempo, quando este último falava na microsociologia gilbertiana, para Roland Barthes dizer, depois, que a França precisava urgentemente de um Gilberto Freyre e a cultura francesa de um livro como "Casa Grande e Senzala". Mas, na microsociologia de Gilberto, é que está o "leit motiv", a pedra do santo graal, de tudo: são os temas que fazem e perfazem a vida do nosso quotidiano, que sempre dominadoramente interessaram a Gilberto. E se sabe do grande escândalo, quando quase menino ainda, mas formado em universidade dos EUA, chegou ele de volta ao Recife, e, em vez de celebrar, os grandes motivos teóricos da sociologia, Gilberto Foi fazer a sociologia das coisas desprezíveis, consideradas então pela cultura oficial, que consagrava o estilo eloquente de um Ruy, ou, em termos de regionalismo, um folclorismo caricato, uma romantização fora da realidade, que tinha raízes no arquétipo indígena de Alencar e ia, até às portas da Semana de Arte Moderna, no classicismo profuso do inesgotável Coelho Neto, o último dos helenos. Depois de "Os Sertões", de Euclides da Cunha, no alvorecer do século, tivemos uma abstenção gloriosa pelos temas essencialmente brasileiros. Olavo Bilac chegou a gravar, ele, eleito o deus pagão do parnasianismo apenas produtor de formas, uma palavra: "parisismo", que seria a necessidade de o homem de espírito, no Brasil, pelo menos uma vez por ano ir a Meca, isto é, a Paris. E se sabe que o Barão do Rio Branco, teve um susto formidável, quando Euclides da Cunha, pela mão de influência política de um amigo, disse: "Não senhor. Não quero uma bolsa de estudo em Paris. Quero participar dessa comissão que vai até o Alto Purus, na Amazonas, fazer um trabalho de pesquisa". Sim, porque os jovens da Corte só procuravam Rio Branco para conseguir bolsas de estudo em Paris.

**Ninguém pode mais parecer preocupado com o próprio Eu, do que Gilberto, mas ninguém foi capaz de ser mais generoso com o outro, ninguém mais afeito às grandes amizades...**

## VIII

E, por falar em Euclides da Cunha, o torturado Euclides, genial até em seus defeitos – de estilo barroco, exagerado, grandiloquente, mas belo nisso tudo –, foi em Gilberto Freyre que encontrou o ensaio de compreensão mais profundo e empático, embora o autor de "Casa Grande e Senzala" se nos parece – e os deuses não exagerem nosso impressionismo – que fez de sua obra, para o homem do litoral brasileiro, do massapê, o que Euclides epicamente levantara em torno do nosso sertanejo, nos sertões do Conselheiro e de Canudos.

Gilberto, finalmente, foi sociólogo, antrópologo, cientista social? Ele mesmo explicou, mil vezes, que não. Mas também não se auto-definiu de maneira histórica, porque nunca poderia fazê-lo; ou o que fez foi simplesmente afirmar-se um escritor. Mas já se fez poesia da prosa de Gilberto; e os críticos procuraram um gilbertiano estilo diferente, que tanto encantava outro torturado pela forma, como Guimarães Rosa. Um estilo coloquial, de feitio e efeito às vezes estritamente poético, mesmo e, principalmente, na abordagem de assuntos ásperos e pouco amenos da ciência. um estilo que deve a uma formação da leitura de clássicos portugueses, mas evidentemente inspirado no fluir de uma cosmovisão imagista dos poetas ingleses, tudo isso dosado no arrastar de uma fala que trai a conversa irreprimível do terraço de casa-grande – estilo que faz com que já chamassem sua obra de "histoire-fleuve" na ressonância do "roman-fleuve"; uma proustiana presença de frases longas, intercaladas de travessões, mas, de repente, capazes de uma síntese, que não estava nos cálculos de nossa leitura, com três palavras exatas formando um período expressivo. Aí, mais uma vez, o que chamamos de aparente contradição gilbertiana.

Gilberto Freyre
(caricatura de Danilo Ramires)

**Mas, na microsociologia de Gilberto, é que está o "leit motiv", a pedra do santo graal, de tudo: são os temas que fazem e perfazem a vida do nosso cotidiano.**

## IX

Foi um homem que devassou nosso passado brasileiro, mas permaneceu profundamente preocupado com o futuro, pelo que será ou não compreendido, e a quem tanto pesa, certamente, a oposição que se levantou, puramente ideológica, à sua obra, não procurando ver, no equilíbrio dos contrários, aquilo, por exemplo, que representa "Casa Grande e Senzala" como livro fundador, e que foi tão bem entendido por um Darcy Ribeiro.

Afonso Arinos fala do que representou para Montaigne a presença do amigo, citando, como não podia deixar de fazê-lo, La Boétie. E nada melhor do que relevar, o capítulo das grandes amizades, o que Gilberto Freyre representou para a vida de um José Lins do Rego. E Afonso Arinos, na comparação de Montaigne com Gilberto, lembra que, como em Paris, há uma Avenida Montaigne, dando continuidade à Avenida La Boétie, se prefeito fosse do Rio de Janeiro – acrescenta o autor de "A Alma do Tempo" –, inauguraria, após, a Avenida Gilberto Freyre, a Avenida José Lins do Rego. E não sem muita emoção que relemos, há pouco, o ensaio de 1941 de José Lins sobre Gilberto – que irmão, que companheiro, que mestre, que amigo! E sem esquecer o que representaram, com força da amizade, um Rodrigo de Melo Franco, um Manuel Bandeira, um Cícero Dias, como presenças tutelares de compreensão pelo que Gilberto fazia e criava, de maneira pioneira, desatando dúvidas, incertezas, dádivas e, até duvidas!

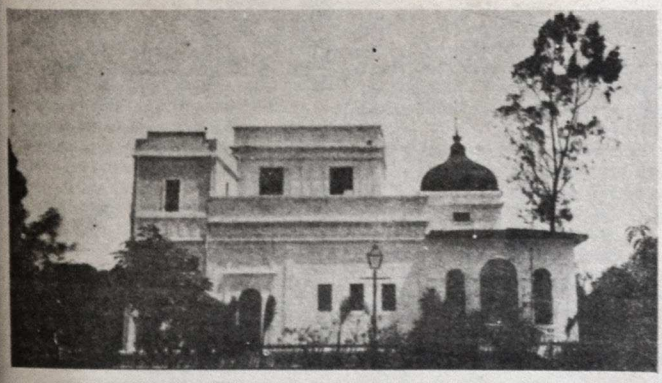
Carlos Lyra

Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, o registro de uma amizade.

**Já se fez poesia da prosa de Gilberto; e os críticos procuraram um gilbertinho estilo diferente, que tanto encantava outro torturado pela forma, como Guimarães Rosa.**

## X

A frase de Augusto Comte, de que cada vez mais os mortos estão a guiar os vivos, lembramos, a esta hora, um ensaio de profunda e circulante simpatia – e Gilberto foi quem primeiro nos falou em empatia – e força poética, de Mauro Mota, quando ele se reporta a um tema curioso: de que Gilberto Freyre começara a escrever "Casa Grande e Senzala", ainda menino de calças curtas, quando o engenho São Severino dos Ramos, em Pernambuco, serviu-lhe de seu primeiro alumbramento. Expressão esta, de Manuel Bandeira, que escreveu seu poema de evocação do Recife, a pedido do autor de "Sobrados e Mocambos". E estivemos a reler, outro que já se foi, para a Outra Margem – que não nunca seja a terceira margem, do conto de Guimarães Rosa – o inesquecível Renato Carneiro Campos, autor de um dos ensaios únicos de compreensão de Gilberto, no prefácio ao livro "Vida, Forma, e Cor". Recordamos Renato, vulcão adormecido, voz tonitroante, larga, sensibilidade de poeta, a nos falar, nas boêmias madrugadas do Recife, sobre o que existe de semelhante entre Joyce e Gilberto Freyre, comparação depois pesquisada por outros estudiosos.



Casa em que Gilberto Freyre escreveu grande parte do livro Casa Grande & Senzala (Foto de Ulysses Freyre).

**Gilberto Freyre começara a escrever "Casa Grande e Senzala", ainda menino de calças curtas, quando o engenho São Severino dos Ramos, em Pernambuco, serviu-lhe de seu primeiro alumbramento.**

## XI

Quem primeiro no Brasil foi capaz de dizer da genialidade de um Augusto dos Anjos, numa época em que Bilac, perguntado por um amigo se tinha sabido da morte do poeta do "Eu", respondia friamente: "Não conheço e não perco nada por não conhecê-lo", senão Gilberto Freyre? Enfatizamos isso, que é menos um detalhe, e mais uma definição, para dizer que um homem capaz de tanta compreensão, merece ser compreendido, e não julgado em novo tribunal do Santo Ofício, fazendo-se ao menos como fez esse louco genial, que se chama Darcy Ribeiro. Outro exemplo: Fora Otto Maria Carpeux, quem no Brasil nos falou de um Santayana, com entendimento empático e valorativo para enriquecimento de nossa cultura, senão Gilberto? De um Santayana que, ao começar uma aula numa universidade americana, do alto do que podia ser sua tribuna de filósofo, dispensa os alunos, afirmando: "Hoje não vai haver aula. A primavera chegou."

Há alguns anos, Gilberto Freyre esteve em Natal para homenagear nosso Câmara Cascudo. Dois anos mais velho do que Gilberto, Cascudo recebeu, na solareira da avenida Junqueira Aires, no exílio de sua audição e de seu olhar, o abraço de efusão nordestino de alguém, que ao lado de Cascudo, fez a viagem definitiva de circunavegação espiritual. Cascudo, como Papini, quase cego, não recebia somente e dom da amizade: Gilberto lhe entregava, simbolicamente, um ramo de carvalho de Tasso, que Nabuco colocaria, através de Graça Aranha, nas mãos de Machado de Assis. Eram homens que já viam e entendiam quanto custa a síntese do que é absoluto, mas que valem todas as dores, todas as vêsperas, todas as dúvidas, todas as incompreensões, exatamente quando, no coração do homem, o espírito tem mais voz e repercussão do que a matéria, estágio primitivo da energia que, segundo Einstein, move os universos conhecidos e paralelos e que Dante, na sua magnificência de vidente, definia como o Amor que move as estrelas.

**Sanderson Negreiros** é poeta e jornalista. Professor da UFRN. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

# O IMPOSTO SOBRE OS SOLTEIROS E A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

GRÁCIO BARBALHO

Ao contrário do que ocorre nos dias de hoje quando, embora atingindo preceitos e normas tradicionais da Igreja, procura o Brasil, nação católica, unir-se ao grupo das que promovem o controle da natalidade, tivemos em certa época, em nosso País, a oficialização do incentivo à natalidade com o chamado "Imposto sobre os solteiros".

A medida, lançada pelo Presidente Getúlio Vargas em 1932, era talvez inspirada no que acontecera, alguns anos antes, na Europa. Sabe-se que o Imperador Guilherme II, antes da primeira guerra mundial, incentivava a fecundidade da mulher alemã além de premiar os casais que dessem à Pátria muitos filhos varões. Era uma atitude militarista copiada, em seguida, pelo governo francês que, num esforço comum, pretendia criar um imposto sobre os homens que fugiam à responsabilidade de um lar.

Quando a notícia do imposto sobre os solteiros chegou aos jornais, inclusive glosada por caricaturistas, dizia o escritor Humberto de Campos:

"Um imposto dessa ordem, na hora presente do mundo, seria positivamente, no Brasil, a mais irracional e injustificável das imitações. Qual a sua finalidade? Aumentar o número de casais legalmente constituídos. Qual a finalidade do casamento? Aumentar a natalidade. E seria acaso lógico e humano promover o aumento da população quando o mundo inteiro se debate na mais espantosa das crises, originada pela quantidade de desocupados que enchem a cidade e os campos?

E ainda:

"Há trinta ou quarenta anos o imposto sobre os solteiros ainda se justificaria pela necessidade de proteção à mulher cujo pão era conquistado pela mão de um homem. Hoje, porém, essa justificativa desapareceu. A mulher não precisa mais do homem para orientar-se econômicamente na vida".

É curioso observar que essas palavras não são de hoje e é até difícil acreditar que pudessem ser ditas há mais de meio século, retratando a antecipação de graves problemas sociais em nosso meio.

Vejamos agora como o incentivo ao casamento prossegue, conforme o registro dos nossos compositores. Em junho de 1933, o sambista Luiz Barbosa, o introdutor do chapéu de palha nos acompanhamentos, lançava o samba "ADEUS, VIDA DE SOLTEIRO". A composição, da autoria de Mário Travassos de Araújo, é aquela que a música popular registra como conseqüência imediata da medida criada pelo governo:

"Eu juro que nunca pensei!
Que para ser celibatário
Tinha que ter numerário
Para a vida de solteiro bem gozar
Muita gente que tem o seu
encosto
Na cortina deve a ele se agarrar
Se não quiser pagar imposto
Ou então fechar os olhos no
futuro
E se casar . . ."

Quatro anos depois o cerco prosseguia, sendo anotado por duas marchinhas do carnaval de 1937. Uma delas, do compositor André Filho, gravada pela cantora Aurora Miranda, mostrava ainda um pequeno reforço à medida: o anúncio de casamento através da imprensa:

"Se a moda pega
De casar pelo jornal
Onde estão as costureiras
Pra fazer tanto enxoval

I

Atualmente
Só não casa quem não quer
Até a velhas solteironas
Vão casar, se Deus quiser

II

Moços e velhos
Muito embora a contragosto
Todos eles vão casando
Para não pagar imposto"

A outra, lançada pelo cantor Déo, Dizia:

"Eu sou celibatário
Não pretendo me casar
Não estou para amanhã
A filharada aturar
Ouvir, papai, mamãe, vovó:
Dorme meu filhinho
Có, có, có, có, có, ró, có

Eu sou bem feliz sem pensar em
me casar
Eu sou bem feliz sem pensar na
união
Podem dizer que estou em falta
com a nação
Patriota, sim. Idiota, não".

Se fosse feita para o carnaval do ano seguinte, já na vigência do Estado Novo, poderia esta marchinha sofrer o crivo da censura.

Ainda em 1940, um dos sucessos do carnaval desse ano mostra que a temática não está esquecida:

"A vida de casado é boa
Mas a vida de solteiro é melhor
Solteiro vai pra onde quer
Casado tem que levar a mulher"

É sabido que, na época, muitos desvirtuavam os últimos versos desse estribilho musical cantando:

"Solteiro vai pra onde quer
Casado leva a mulher se quiser"

Este samba não mais registra a correlação entre a natalidade e as normas do governo. Não deve entretanto ser esquecido o samba de Ataúlfo Alves, lançado quase dois anos depois (outubro de 1941) onde o aumento da população em nosso País ainda é citado como prioridade, chegando a receber prêmios:

"O Estado Novo veio para nos
orientar
No Brasil não falta nada
Mas precisa trabalhar
Tem café, petróleo e ouro,
Ninguém pode duvidar
E quem for pai de quatro filhos
O Presidente manda premiar
— É negócio casar. . . "

Alguns meses depois, já o Brasil em guerra, iniciando os preparativos para o envio de um selecionado contingente expedicionário, o tema abordado pela nossa música popular desaparece do cenário. "Solteiros e casados" cedem lugar a outras assinalações.

Hoje, se ainda existisse, como no passado, a abordagem de temas sociais pelos nossos compositores, um assunto preferencial seria certamente o controle da natalidade. É de supor, entretanto, que a sátira carnavalesca não iria prevalecer, esvaziada ante a perspectiva sombria do que poderia ocorrer, no futuro, com o superpovoamento da terra.

**Grácio Barbalho** é pesquisador de música. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras. Autor dos livros "O Popular em 78 rotações" e "Discografia Comentada de Francisco Alves".

# EPÍSTOLA AOS GRANDES MAMÍFEROS DO HEMISFÉRIO ALFA

CARLOS DE SOUZA

1 – Não
2 – Bird não tentou se matar no dia da gravação de Round'About Midnight. Apenas não teve tempo de trocar o pijama e adormeceu ali mesmo diante da minha vontade de fazer literatura com um sofrimento que era só seu.
— Isto é literatura.
3 – Não, o amor é bem mais aqui, perto do meu peito e do medo dela aceso no rosto que não tem nada a ver com o sonho que perdi.
— O dilema shakespeareano, beber ou não beber lembra "O Ébrio", um bêbado famoso de minha cidade.
4 – O oco da nossa solidão está em algum lugar do desejo que não sabemos muito bem onde colocar (desculpe o trocadilho forçado). Mister T.S. Eliot jantou ontem lá em casa, obrigado.
5 – E eu digo amém. Hosana, glória nas alturas de tua santa embriaguez. Billie Holiday: Am I Blue, minha nega.
6 – Noel Rosa me cochichou qualquer coisa sobre o anarquista João Ninguém e eu tive que sorrir satisfeito, man.
7 – Works & Ana Cristina César invadindo meus olhos de leitura e café. Ela ainda olhava para dentro de meu ser com olhos incrédulos e magoados.
— Sim. Eu sou o canalha que te magoa e que te ama sem saber muito bem o que está fazendo.
8 – Você me perdoa esta resposta de carta cheia de citações tolas?
9 – Sim, porque meu maior sonho era ouvi-la dizer que não merece a comida que eu paguei para ela. Sublime. E ainda vê-la sapatear sobre o meu caixão, no ritmo de um samba de Cartola.
10 – "Vá, se mande junto tudo que você puder levar". E nós perdidos no meio daquela praça em que gente de carne putrefata e alma idem arrancou as árvores. Não que tenha pena das árvores, elas que se f. Tive pena de mim que perdi a sombra na tarde eterna.
11 – Diabos, o nome do gato era mesmo Theodor Adorno. E agora ela cria uma gata linda e peidona e ainda diz que me ama apesar de querer que eu nunca mais volte por lá.
12 – Assim caminha, my friend, a nossa estimada humanidade. E não adianta brincar de diapasão, pois a única coisa que não é totalitária, fora a paixão, é a falta da mesma.
13 – Santa Teresa D'Ávila sempre foi minha musa. Embora não goste muito das superstars da igreja.
14 – Tomo Samuel Beckett e Linda Batista nas veias, sem nem uma pontinha de remorso.
15 – Gozo.
16 – Ora, não se desespere, porque senão quem vai mergulhar somos nós, os últimos grandes otários.
17 – De minha parte concordo com Platão, quando se refere a eliminar os chamados "poetas". Sim, aqueles que costumam alugar nossa paciência nos bares. Não aqueles que nos ajudam a conversar com as galáxias.
18 – No Morro do Careca, antigo leito de nossas delícias. Aquela linda estrela do crepúsculo foi roubada por ela e nunca mais vi.
20 – Fome só de amar.
21 – Preciso acordar todos os dias numa hora infame, meu irmão, para poder comprar o meu sonho, o meu delírio. Yes.

**Carlos de Souza** é escritor e jornalista. Lançará ainda este ano o livro "Crônica da Banalidade", numa co-edição da Fundação José Augusto e Editora Clima.

# GUMERCIN

## Entre os acorde

Na festa do terceiro número do jornal O GAL
escritor e músico Gumercindo Saraiva nos sor
juntos dos amigos e artistas que ele sempre
violino, do qual jam
Aqui, quatro depoimentos sob

# Uma corda quebrada

LUIZ RABELO

GUMERCINDO SARAIVA. Vi-o um dia antes de sua morte, de relance, na Rua Princesa Isabel. Perguntei-lhe:

– Como vai, Gumercindo?

Respondeu-me, brincalhão:

– Vou chutando a vida, enquanto a vida não me chuta.

Noutra ocasião, ao tempo em que eu era Diretor do Museu de Arte e História, Gumercindo interpelou-me:

– Cadê a flauta de Eduardo Medeiros?

Respondi-lhe:

– Está por aí, lá dentro.

E ele, com aquele **aplomb** de quem tudo sabia:

– Só que esta flauta não é de Eduardo.

– Agora, não tem mais jeito não, fica sendo do Eduardo.

Noutra oportunidade, na Academia Norte-rio-grandense de Letras, quando lhe disse que estava com um livro pronto, de aforismos, mais de mil pensamentos de amor, Gumercindo, procurando confundir-me, malicioso, perguntou-me:

– De quem são os pensamentos?

Respondi-lhe:

– Você me acha com cara de puxar o saco dos outros?

A reação dele foi uma gostosa e sonora gargalhada.

Era assim o Gumercindo, o nosso Gumercindo, como tive oportunidade de declarar, numa das minhas entrevistas. Era um amigo inteligente e bondoso, sempre risonho. Sobretudo, era um pai extremoso e um marido exemplar. Autor de vários livros, cerca de 15 obras publicadas (resalto "Antologia da Canção Popular em Três Tempos", "Adagiário Musical Brasileiro", "Geografia do Violão Brasileiro", "Lendas do Brasil" e "A Gíria Brasileira dos Marginais às Classes de Elite), sua contribuição às letras era dinâmica e não poderá ser esquecida.

Pertencia a todas as instituições culturais do RN, o que demonstra, com evidência, a sua capacidade intelectual e o seu prestígio junto aos amigos, que se contavam aos milhares dentro e fora do Estado.

Venceu com galhardia, todos os obstáculos ao seu ingresso nas instituições de cultura de nossa terra, obstáculos que se lhe antepunham, às vezes, pelo simples fato de ser ele apenas um autodidata, como se isto, no Brasil, fosse condição **sine qua non** à imortalidade literária.

Há um fato curioso na vida de Gumercindo que merece ser contado, pois se trata de uma espécie de predestinação, cujo segredo só a Deus pertence. É que ele nasceu ao som de violões, numa noite de seresta. E aí está, nasceu ao som dos violões baixaverdenses, como ele próprio o diz, numa bela trova que tive oportunidade de publicar n'A REPÚBLICA, e morreu exatamente numa seresta, após tocar três músicas do seu repertório, isto por ocasião do lançamento do n.º 3 do jornal O GALO, dentro da Fundação "José Augusto", ao lado de inúmeros amigos.

Soube do acontecimento no dia seguinte, e soube que ele, ao tocar a primeira música, sentiu que se lhe quebrava uma das cordas do violino. Mesmo assim, ainda tocou mais duas músicas, quando tombou ao chão, vítima da traição de um enfarto.

Sobre o acontecido, tive a oportunidade de declarar: "Ao se quebrar a corda do seu violino, quebrou-se também a corda do seu coração".

Na verdade, Gumercindo era um espírito amante da música, um coração generoso, uma alma nobre e pura. **Le ciel n'est pas plus pur que le fond de mon coeur**, dizia Racine, o famoso poeta francês, num alexandrino inimitável. E Gumercindo, a esta hora, deverá estar justificando esta ousada assertiva do autor de "Ester", mostrando que o seu coração, cheio dos acordes do seu instrumento favorito, é tão puro quanto o próprio céu, onde já se encontra, tocando violino na orquestra de Deus.

**Luiz Rabelo** é poeta e trovador. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

# Como no verso de Bandeira

VERÍSSIMO DE MELO

Gumercindo Saraiva era o autodidata absoluto. Aprendeu tudo sozinho. Lutando e planejando. Seu saber era o da experiência. Como pessoa humana, era o que se pode chamar um homem bom. Sem maldade. Até de uma certa ingenuidade. Acreditava nele, na sua pesquisa, no som do seu violino, na fraternidade entre os homens. Coitado, muitas vezes se enganava: os homens não são tão bons assim. Há sujeitos por aí que não valem coisa nenhuma. E ele, Gumercindo, acreditava até nesses sujeitos. Perdia tempo com eles.

Era do seu temperamento. Um homem cordial. Generoso. Embora muitas vezes eu disse que ele era um usurário: milionário, com uma rua de casas no Alecrim, mas não tinha coragem de doar uma casa à Academia Norte-Rio-Grandense de Letras . . . Como Antônio Soares Filho, que foi herdeiro universal de D. Clarinha Soares, recebendo mais de cem casas e também não tendo coragem de doar uma só à nossa academia . . .

Desde que eu me entendo de gente que Saraiva tocava violino. No Teatro. Nas festas de caridade, na casa dos amigos, por toda parte.

Era seu hobby e sua paixão, desde muito jovem.

Depois começou a comprar livros e fazer pesquisas publicando em jornais e livros o resultado de seu trabalho.

Embora, a princípio, ninguém acreditasse, Gumercindo revelou-se pesquisador tenaz e de real valor. Fez trabalhos na área musical, na literatura, no folclore. Teve livros seus publicados numa das maiores editoras do País: a "Itatiaia", de Belo Horizonte. Outros livros foram editados em São Paulo. Alguns em Natal.

Mantinha correspondência com escritores e instituições de cultura do país e até do estrangeiro. Recebeu convites honrosos e compareceu a reuniões de cultura em vários Estados brasileiros.

Tudo dentro daquela simplicidade que sempre o caracterizou. Sua entrada para nossa Academia foi a sua Consagração. Nesse dia, recebeu os acadêmicos e amigos em sua casa, ao lado de sua esposa e filhos. Estava felicíssimo. Foi o grande momento de sua vida de escritor provinciano.

A notícia de sua morte deixou todos nós estarrecidos. Gumercindo nunca nos falou que tivesse problemas de saúde. Engordava ou emagrecia, conforme quisesse. O que era algo extraordinário.

Embora ninguém acredite, tudo está determinado neste mundo. E seu dia de "viajar" chegou num momento de festa e confraternização entre escritores e poetas. Acabara de tocar três peças no seu violino. Sentou-se e foi dormir profundamente, como no verso de Bandeira.

**Veríssimo de Melo** é folclorista e escritor. Presidente do Conselho Estadual de Cultura do Rio Grande do Norte.

Ilustração de Emanoel Amaral

# SARAIVA:
## vida e da arte

a Fundação José Augusto, o folclorista,
sperado e o belo. Morria tranquilamente,
dele. Após tocar, pela última vez o seu
ercindo partiu.
iva, o artista e o homem.

### Gumercindo é uma caricatura na parede, mas como dói

**CLÁUDIO OLIVEIRA**

Conheci Gumercindo Saraiva em 1978. Nessa época Tarcísio Gurgel era o editor do Caderno de Domingo a Tribuna do Norte. Tarcísio me pedira, ntão, que fizesse a ilustração de uma érie de entrevistas com personalidades ustres da terra. Pretendia publicá-la a da final de semana. Lembro que fiz as aricaturas de Câmara Cascudo, Sanerson Negreiros, Celso da Silveira e umercindo Saraiva.

Num desses domingos, toca o telefoe lá de casa. Era Gumercindo, dizendo a vontade de ter a sua caricatura em um adro na parede do seu escritório. Preenteei-lhe o desenho com prazer.

Muito atenciosamente Gumercindo me nvidou para jantar em sua casa. Estaà mesa com o pesquisador e sua famu. Contrastava a minha calada timidez menino de 15 anos com a conversa himada de Gumercido. Em seguida ostrou-me sua vasta biblioteca, falando os livros que achava importante, numa egria rara de se ver em homens dauela idade.

Pouco tempo depois, novamente Gumercindo tocou o meu telefone. Dessa ez para fazer a capa de seu livro "Candena do Beco da Quarentena". Agradeci atenção e desenhei a capa.

No fim do ano, Gumercindo esteve em inha casa, com uma garrafa de vinho mão. Era para me brindar. No rótulo, o eu nome.

E assim o tempo se passou. Dediei-me ao estudo para o vestibular, ncluindo o secundário no exigente Sasiano. Na universidade, a política estuantil me fascinou, consumindo grande arte do meu tempo. As notícias sobre o migo pesquisador somente tinha da leira dos jornais. Nunca mais o vira.

No início de 1986, fomos eu e Gileno uanabara fazer uma visita ao professor umercindo Saraiva. Fomos convidá-lo ara presidir a comissão julgadora do sfile de carnaval das escolas de samba. Entramos na Casa da Música e caminhamos até o fundo. Encontramos umercindo e, na parede atrás do seu bi, uma caricatura. Foi a primeira coisa ue olhei. Gileno também. Gumercindo rou-se e mostrou a caricatura:

– Foi aquele menino da Tribuna, Cláuo, quem fez. Tá boa?

Ri com o inesperado da situação.

– Eis aqui o próprio, brincou Gileno.

Gumercindo levantou a cabeça, fitando-me com os olhos grandes, aumentados pelo avançado grau de seus óculos.

– É você Cláudio? Como você cresceu!

E nos abraçamos.

Gostaria de ter conhecido mais e melhor Gumercindo. Mas as atribulações da vida quase sempre nos impede de cultivar as amizades. Ainda que não tivesse a palavra fácil e graciosa de um Câmara Cascudo, reconhecemos em Gumercindo a sua condição de um incansável pesquisador que trouxe à luz revelações importantes de nossa história e de nossa cultura. Gumercindo Saraiva e sua obra merecem o carinho de todos nós.

**Cláudio Oliveira** é chargista, jornalista, desenhista de estórias em quadrinhos.

Arquivo

## Em busca da estrela

**FIRMINO DE TIBURÇIA**

Vigésimo dia do mês de maio, cem anos e sete dias distante da Lei Áurea. E seu infinito chegou. Não resistiu ao terceiro cantar d'O GALO e nem madrugada era ainda.

Do átrio do antigo ateneu via-se o céu de Natal nublado enquanto no átrio do jovial coração de Gumercindo o sangue se recusou a circular. E sua vida foi buscar a estrela eterna que lhe pertence, acima das nuvens que o impediam de vê-la naquele momento eterno.

A primeira vez que o vi foi no Sobradinho, por ocasião do lançamento do segundo número d'O GALO, na noite de quinze de abril passado. Não sabia quem era aquele senhorzinho miúdo e cambaleante, um tanto embacado pelas graças de Netuno. Chamou-me a atenção pela alegria alegre e o brilho humilde. Parecia feliz de contente com a algaravia cultural. Fui embora sem saber quem era.

A segunda vez que o vi foi na Fundação José Augusto, no lançamento do terceiro número d'O GALO, na noite da derradeira estrela. Sabia que era aquele mesmo senhorzinho miúdo que eu ainda não sabia quem era. Lembrei-me dele ao vê-lo empunhar o violino para tocar o Sonho de Amor de Lizt. Parei de conversar e fui pro pé da escada do pátio interno da Fundação.

Fiquei bebendo sua música. Ele estava de camisa enxadrezada, quase desengonçado. E tocava o violino com a alma, parecia não usar as mãos. Permaneci completamente encantado com o momentos mágicos criados por aquele homem que eu ainda não sabia quem era.

Mas senti ser alguém especial. Cheguei a comentar de como a aparência dos potiguares realmente antológicos era simples. Que a verdadeira sofisticação vinha do interior e por fora era a simplicidade externa do homem comum.

Daquele homem aparentemente comum que eu continuava sem saber quem era, mas sentia ser alguém especial ouvi-o tocar até terminar. Encantado por uma alma prestes a partir e ninguém sabia disso.

Terminada sua apresentação, voltei a conversar. Ele ficou conversando do outro lado do átrio com algumas pessoas. Até que de repente, meu Deus, não mais que de repente como dizia Vinícius, percebi um espanto do lado de lá do pátio.

Vi alguém caído no chão. Senti as respirações suspensas das pessoas. Corri até lá e vi que era aquele homem miudamente enorme que estava caído no chão. Estava agonizante e eu teimosamente ainda não sabia quem era. Não havia qualquer médico presente. Eu também não sabia como proceder. Lembrei-me vagamente dum manual de primeiros socorros que lera um dia.

Tentei massagear-lhe o tórax. Fiz algumas compressões. Os segundos corriam velozes e não tive mais tempo para saber quem era aquele homem que soltava seu último suspiro ali mesmo no chão de pedras ao redor do pequeno jardim interno da Fundação José Augusto.

Nada mais era possível fazer. Ele olhava com seus olhos estáticos para o céu de Natal. A menos de meio metro de meus olhos desconcertados que apenas perceberam que um grande espírito subia aos céus. De Natal. Em busca de sua estrela, através de uma morte que considero o maior prêmio para o ser humano.

Morrera em poucos minutos, num ambiente de cultivo literário e de música, num instante de rara felicidade. Um pequeno grande homem que somente me foi apresentado após sua partida.

Gumercindo Saraiva, que agora sei quem era e que por volta das dez e meia da noite daquela sexta-feira deixou-nos a todos e partiu veloz pra tomar conta da estrela única que lhe pertence, ao lado de outras estrelas únicas do céu natalense.

Gostaria de desejar-lhe boa viagem, Gumercindo. Até qualquer dia. Quem sabe possamos conversar ainda. Quem sabe. Quem?

**Firmino de Tibúrcia** é paulista, reside em Natal. Escritor e cronista.

# Cem anos de POMPÉIA

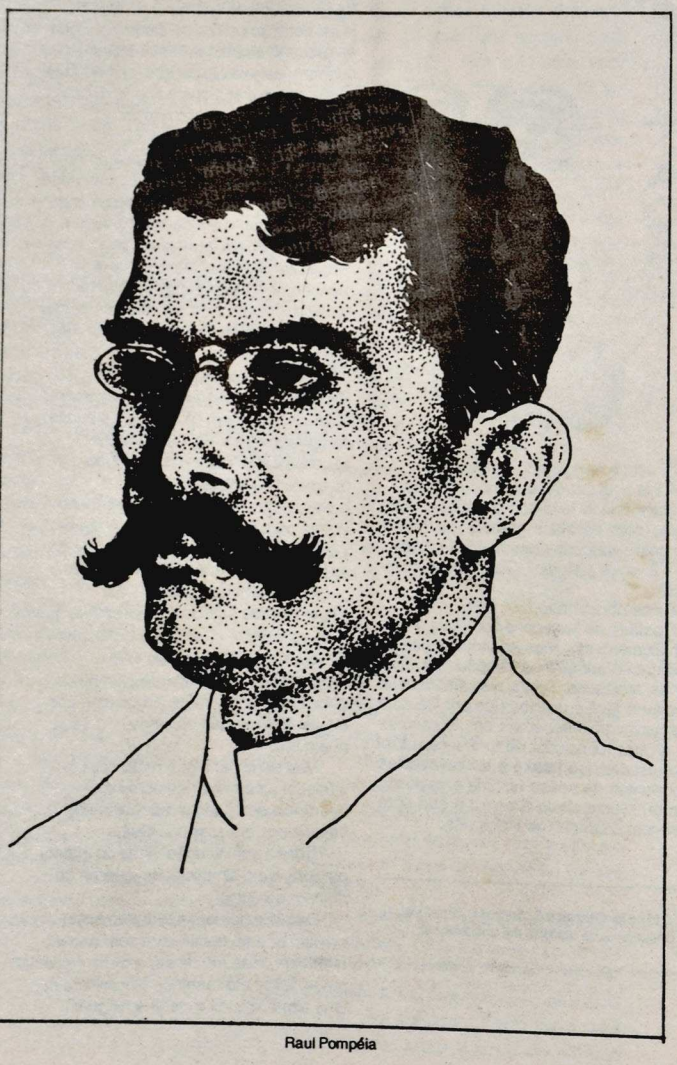
FRANCISCO IVAN DA SILVA

Não é o autor quem faz o centenário. Aqui é o livro. **O Ateneu,** Raul Pompéia. Assim conta a crítica: 1888 publica em Folhetim, na Gazeta de Notícias, do Rio, seu romance **O Ateneu** e inicia no mesmo jornal a seção "Pandora", de crítica de arte. Trabalha também como correspondente do **Diário de Minas. Há livros que ultrapassam os séculos. O Ateneu** completa um século. É nosso objetivo aqui comemorar esta data. Como se comemora o aniversário de um livro? E de um livro como **O Ateneu?**

Ele, Raul Pompéia amava uma poesia refinada, a magia das palavras e metáforas, imagens, ritmos, símbolos...: o incisivo e decisivo de uma linguagem poética à altura do **fato** literário da época, que é o surgimento do "Romance". Que romance faria então o autor de **Canções sem Metro?** Um romance da linguagem poética realçando acima de mais nada o **Texto?** "Quando escreveu **O Ateneu,** Raul Pompéia quis dar mais vida ao texto, acompanhando-o de ilustrações feitas por ele mesmo, a bico-de-pena. São mais de quarenta desenhos, mostrando personagens, situações, detalhes da vida no Ateneu, enfim, todo o clima que envolve Sérgio, o personagem narrador do romance."

Raul partilhava com Machado de Assis o conceito e consciência poética de construção do texto. O procedimento de um é semelhante ao do outro. Pompéia, como Machado, é um artista que impressiona pela ousadia da expressão "realista", que ex-põe face to face Poesia e História. Poesia diante da realidade; da realidade de onde mina a Poesia..." A história pátria deliciou-me em quanto pôde." Desde os missionários de catequese colonizadora, que vinham ao meu encontro, com Anchieta, visões de bondade, recitando escolhidas estrofes das selvas, mandando adiante, coroados de flores, pela entrada larga de areia branca, os columins alegres, aprendizes da fé e da civilização; acompanhados da turba selvagem do gentio cor de casca de árvores, emplumados, sarapintados de mil pintas, em respeitosa contrição de fetichismo domado, avultando do seio, do fundo da mata escura como uma marcha fantástica de troncos. Até as eras da independência, evocação complicada de sarrafos comemorativos das alvoradas do Rocio e de anseios de patriotismo infantil; um príncipe fundido, cavalgando uma data, mostrando no lenço aos povos a legenda oficial do Ipiranga; mais abaixo, pontuadas pelas salvas do Santo Antônio, as aclamações de um povo mesclado que deixou morrer Tiradentes para esbofar-se em vivas ao ramo de café da Damitila".

O fragmento acima foi recolhido do capítulo terceiro, que se poderia chamar **Natação,** tendo em vista o fooo da cena do banho, na imaginação do próprio Raul Pompéia. Tal capítulo serve como ilustração do debate travado entre Poesia e História; Poesia e Realismo; Poesia e Estética. Numa época em que produção e consumo literário se voltam para estreita visão da realidade, Raul Pompéia resolve voltar-se para a origem da Poesia para aí mesmo encontrar a realidade de seu romance; um romance que se passa entre um narrador que recorda, Sérgio, e um leitor que escreve tendo em mente o "procedimento" do narrador como ponto focal do texto. O texto de Pompéia, portanto, no contexto daquilo que se poderia tomar por realidade, que é **O Ateneu.** Neste sentido, o criador do **Ateneu** soube captar a atmosfera e os padrões vigentes e, a partir daí, inventar o seu romance. Um romance: uma experiência vivida e sonhada no estado de poesia pura. Na leitura de Sérgio, que narra como um diário (até), há de se procurar que fique sempre algo no fundo da memória do leitor, (que lê memórias) a fim de que assimilado, seja à simples recordação de sua lembrança, freqüentemente ruminada numa autêntica antropofagia de linguagens. Nada mais difícil do que revelar no romance o romance da linguagem que cria a "realidade".



Raul Pompéia

**O Ateneu:** Texto de Vanguarda e Tradição. O texto do **Ateneu** se lê com o espírito de Vanguarda, na plasticidade de uma linguagem poética; de uma linguagem poética sempre nova, inovadora e inspiradora. Por meio desta linguagem mesma, cria o autor a realidade... o conteúdo do romance, que nunca existiria se não existisse antes de mais nada o trabalho artístico de criação literária, o qual se dá na base da linguagem. No âmbito das salas de **O Ateneu** enquanto uma Escola, a leitura de Poetas como Horácio, Virgílio, Camões, etc., é um exercício poético que dá à vida do romance suas notas essenciais. Podemos também dizer que o exercício poético que é um exercício de leitura da obra literária tem por objetivo imediato a criação de um contexto apropriado, onde o Texto possa falar por Ele-mesmo. E isto se constitui como um traço de Vanguarda ou de Modernidade. E Tradição? Como se dá a visada na Tradição dentro do Ateneu? Qual a Tradição de Pompéia?

Pompéia para a construção d'O **Ateneu** alicerçou-se em uma tradição milenar de Poesia. Uma Tradição de poetas de Vanguarda. De poetas que buscaram a fonte e origem da poesia. Assim, Raul Pompéia é tão novo quanto James Joyce, em seu romance ensaístico **A Portrait of the Artist as a Young Man.** A sucessão de momentos episódicos na leitura de ambos os romances não é um artifício inventado por alguém; corresponde à íntima natureza de qualquer discurso poético intertextual. Qualifiquemos esses momentos episódicos de uma intersubjetividade. E quanto ao procedimento de ambos os escritores, qualifiquemos de épico. A partir daí, podemos ver como se relacionam os heróis, Sérgio e Stephen no quadro de experiência de leituras na **Escola,** afinal o ambiente dos romances.

Fiquemos um instante com o **Retrato do Artista quando Jovem.** Como Sérgio, Stephen, o personagem do Retrato, é um memorialista, não um narrador, um memorialista que recorda/relembra através da leitura de textos. Essas memórias que o memorialista Stephen/Sérgio recorda implica uma natureza textual cuja tessitura é de carácter épico. O texto de fragmentos. O texto fragmentário abrindo margens para o espaço de modernidade e vanguarda de um herói que o texto épico sempre atualiza. Toda Vanguarda é épica; pois Ela transporta uma memória que não é minha nem de ninguém porque é da Poesia. Assim é que James Joyce como Pompéia podem livremente em seus romances de memória épica atualizarem o Mito de Telêmaco, na Odisséia homérica, tendo em vista a paródia desse Mito; o Mito num escritor quanto noutro é relembrado nos nomes dos próprios personagens que dialogam nos romances. Aristarco no **Ateneu;** Dante ameaçador, e Dedalus no **Retrato do Artista.** Aproximemo-nos mais da questão que nos perturba, fascina ou apaixona. Os romances de Raul e de Joyce são fragmentos em prosa da poesia épica que remonta a uma Tradição de poetas épicos essencialmente. O leitor tem diante de si um fenômeno artístico em

A cena do banho em desenho de Raul Pompéia

que desaparece totalmente a diferença de cunho teórico/estético, entre epopéia e romance e o próprio épico se expressa indiferentemente na fala dos personagens, na matéria com que lidam e no mundo em que os envolve. Tudo isso. Seja em prosa, em carta, em verso ou canção, em tudo isto se manifesta a substância do discurso épico que remonta à Tradição de Vanguarda literária.

Joyce tem no sangue e na Tradição esta forma de romance (épico), do romance irlandês mal-feito do seu jeito; do romance irlandês do héroi excêntrico do discurso revolucionário. **A Portrait of the Artist as a Young Man** apareceu, primeiramente, em capítulos, na revista **The Egoist,** de Ezra Pound. Trata-se de um romance de **gênero biográfico**; ou como o tem classificado a crítica: **romance autobiográfico.** Tem como "herói" Stephen Dedalus, a alteridade do artista James Joyce quando jovem aluno de um colégio de jesuítas, em Dublin, na Irlanda. É o lance afinal d'**O Ateneu,** de Raul Pompéia, uma construção poética arquitetada e projetada na esfera de um **gênero precioso** na **Literatura:** o Biográfico.

Tarefa considerável e delicada é analisar as **sincronias** ou pontos de coincidência de momentos episódios de um romance e outro, isto é, do **Portrait** e do **Ateneu.** Um foco rápido pelas páginas iniciais de ambos os romances, recolhendo por assim dizer aquelas vivas "impressões" tanto de Sérgio quanto de Stephen nos fará penetrar profundo na senda épica da origem mítica de Telêmaco, o nobre filho do ausente Ulisses. Mas, é preciso atentar para um fato: em Joyce e Pompéia, o **Mito Idealizado** da Epopéia Clássica cai por terra... tudo se arruína.

Olhemos o **Portrait** de Joyce: Stephen é o personagem do texto, em torno do qual a realidade de um **Colégio contextualiza** o objeto que aqui chamamos **romance.** Como queiram. Romance e Epopéia é uma coisa só. Stephen, qual Telêmaco, é arrebatado do mundo do brinquedo para o mundo real. Telêmaco/Stephen/Sérgio: a experiência de um é a vida do outro. Um iconiza a experiência do outro através da vida lembrada pela memória ou lembrança do Mito de origem. Uma experiência artística será confirmada entre um herói e outro. Uma vocação artística será constada entre um herói e outro. Assim é que dizemos: Stephen com Sérgio é o mesmo Telêmaco, ou qualquer homem que é chamado a viver a sublime experiência de enfrentar a arte na vida. O romance de Joyce como o de Pompéia é profundo e belo enquanto fidelidade à vida. É o romance da vida: o gênero biográfico reconstruído.

Um e outro herói começam por **contar** a vida na relação escolar. Aqui, nestes dois escritores, o momento episódico de **recordação** é o Mito de Telêmaco que deixa a brincadeira e assume a disciplina guerreira.

Na idade de onze anos o "herói" Sérgio deixa a vida familiar e parte para o Rio de Janeiro, onde será aluno interno do **Ateneu,** um famoso colégio, cuja direção de Aristarco Argolo de Ramos, recebia aplausos de Norte a Sul do Brasil. Não sem razão Stephen Dedalus, no **Retrato** de Joyce, é quase arrebatado do colo da mãe numa cena dantesca do artista arrebatado para **ViVer** a disciplina épica do Inferno, Purgatório e Céu. Isto não deixa de ser uma disciplina homérica de poesia. Stephen Dedalus episodicamente resolve abandonar tudo: família e amigos, preferindo sair do encontro daquilo que o coração manda. Stephen vai aprender "o que o coração é e o que sente". É Ele-mesmo quem exclama na última página de seu **diário:** "Assim seja. Sê bem-vinda, ó vida! Eu vou ao encontro, pela milionésima vez, da realidade da experiência, a fim de moldar, na forja da minha alma, a consciência ainda não criada da minha raça."

Mas é para as primeiras páginas do **Portrait** que nos devemos voltar. Perceber nelas a re-escritura do Mito de Telêmaco. Trata-se de um procedimento ou método de trabalho, "método mítico" de Joyce (sobre a questão, vide o texto de T. S. Eliot, **Ulysses, Order, and Myth,** James Joyce: two decades of criticism, Vanguard press, NY. 1948), que aqui aparece em estilo ensaístico para conseguir mais grau de poeticidade e plasticidade artística, na linguagem do mesmo Stephen, no **Ullisses.** É aqui onde se dá o verdadeiro teatro daquilo que foi ensaiado, anteriormente, no Portrait: Stephen deixa os brinquedos e vai ao encontro...: "Certa vez, – e que linda vez que isso foi! – vinha uma vaquinha pela estrada abaixo fazendo múu! E essa vaquinha, que vinha pela estrada abaixo fazendo múu!, encontrou um amor de menino chamado Pequerrucho Fuça-Fuça..."

É a vida do artista que começa a ser **contada** através das lembranças da infância do artista quando jovem. É o jovem Joyce quem aqui escreve para mais tarde, no **Ullisses,** reconstruir tudo de novo. Aqui é o jovem artista recordando sua infância escolar no Clongowes Wood: "...Sua mãe dissera-lhe para não falar com meninos grosseiros no colégio. Aquilo é que era mãe! No primeiro dia, no castelo, ao se despedir dele, ela tinha erguido o véu, dobrando-o por cima do nariz, para poder beijá-lo; e tanto o nariz como os olhos dela estavam vermelhos. Mas fingira não perceber que ela estava a ponto de chorar. E o pai então lhe dera duas moedas de cinco xelins para ele ficar com dinheiro miúdo no bolso. E o pai lhe dissera que se precisasse de qualquer coisa que escrevesse para casa e que nunca, fizessem-lhe lá o que fosse, desse parte de qualquer colega. Depois, à porta do castelo, o reitor estendera a mão a seu pai e a sua mãe, enquanto a sotaina dele esvoaçava na brisa: e o carro tinha ido embora, levando seu pai e sua mãe. Lá do carro eles o tinham chamado alto, agitando as mãos:

– Adeus, Stephen, adeus!

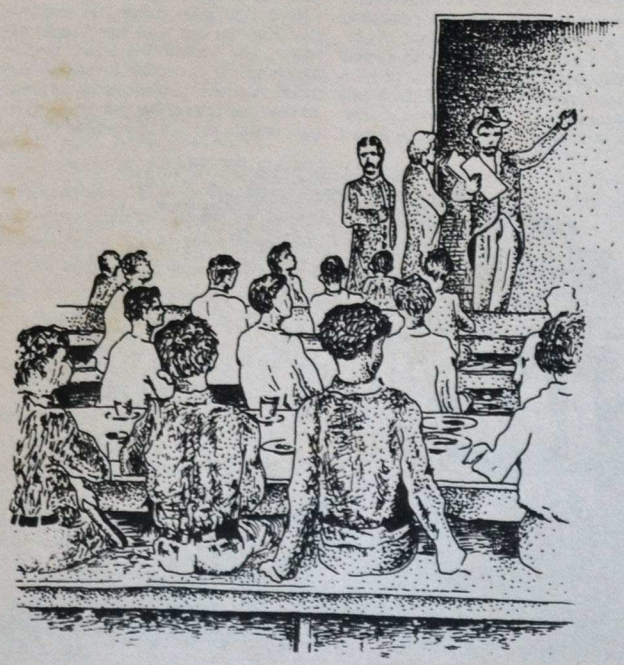
– Adeus, Stephen, adeus!

Ele fora colhido no meio do redemoinho e, amedrontado com tantos olhos que luziam e tantas botinas encoscoradas de barro, se inclinara para espiar ainda através de tantas pernas."

Sincronicamente, esse momento cênico ou **momento episódico** como vem sendo chamado, abre **O Ateneu.** Sérgio envolto na "aura" de Telêmaco: "Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do **Ateneu.** Coragem para a luta."

E, qual Stephen Dedalus de Joyce, os brinquedos deixados para ingressar na senda épica do **herói** enfrentando o mundo na solidão de si mesmo. Eis Sérgio no mesmo papel de **herói** joyceano a participar da dilacerante, caótica, impiedosa e torturante história da opressão que sobre o homem exercem os sistemas vigentes: família, escola, educação de uma maneira geral... Ouçamos a fala de Sérgio: "Bastante experimentei depois a verdade desse aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regímen do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita, dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesse de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam."

Uma pergunta cabível: é justo o encontro, a aproximação entre Joyce e Pompéia, nestes últimos cem anos de Literatura Brasileira? Perfeito que sim. Perfeitamente justo. Aproximamos e nos aproximamos destes dois autores a partir do momento em que se percebe que eles se prendem e se filiam a uma tradição radical de poesia que evoca um proceder épico dentro da Literatura. Joyce como



O refeitório de O ATENEU, ilustrado por Raul Pompéia

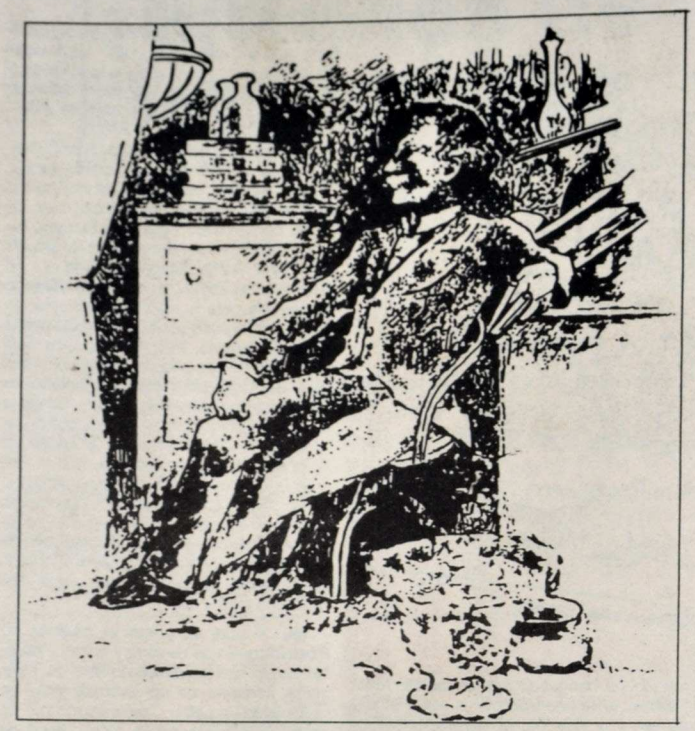
Pompéia enquanto arquiteto e construtor de um projeto de texto épico toma a Homero em seus próprios estereótipos e os subverte e reverte através de um modelo dialógico o significado do discurso, por meio de um procedimento épico paródico. A encarnação das essencialidades épicas de Pompéia e James Joyce persiste nos signos recordados reforma intercruzada com os signos da realidade. Mas esta realidade de nada nos serve, porque ao descobrí-la acreditamos sempre em algo de novo e diferente.

Existe uma profunda sincronicidade entre Pompéia e Joyce que é preciso ser fruída pelo leitor contemporâneo. O grau de fruição e percepção de suas obras dependerá da capacidade de "compreensão" do leitor. Compreensão é uma vida, escreve o poeta centenário, Fernando Pessoa. Pompéia é um artista/escritor de formação pré-escolar inglesa. Se é verdade que **O Ateneu** é um romance autobiográfico, assim como o é, o **Portrait** de Joyce, será também verdadeiro e útil lembrar o que diz Sérgio no início do primeiro capítulo de sua narrativa:

"Eu tinha doze anos.

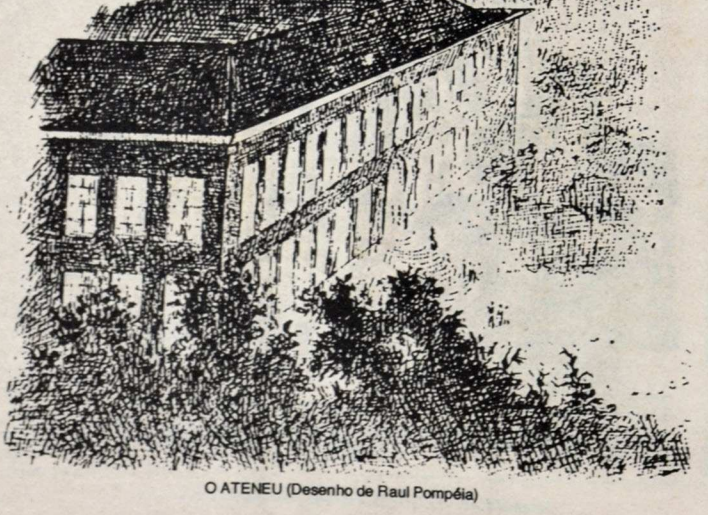
Freqüentava como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia."

Sérgio aponta para a origem de sua "formação", isto é, faz um mapa de sua **história**. Nisto se acha a "originalidade" de sua narrativa. No sentido da origem, fica então determinada pelo próprio narrador uma profunda coerência com a função poética de seu projeto literário. Através de um procedimento essencialmente textual, Raul Pompéia faz realçar a mais legítima tradição poética a que se filia **O Ateneu**. Sérgio não é o que se pode chamar um herói nacional de um romance no sentido nacionalista da concepção historicista. Seu discurso, montado num **know-how** literário radicalmente bebido na fonte da tradição de poesia épica, ultrapassa limites e fronteiras do simples local para encontrar-se sozinho com sua família "casual" em qualquer lugar, praia, terra ou oceano. As torturas shakespeareanas de Lear, enfim, o drama que **O Ateneu** representa implica uma consciente aplicação à literatura de compreensão metonímica das percepções pré-sentidas e sentidas pelos diversos e diferentes recursos da sensibilidade humana do leitor/autor. É por força desta linguagem metonímica que o leitor pode penetrar de modo radical o universo significante tanto da consciência de Sérgio quanto de Stephen, o herói! O heroísmo de ambos não depende apenas de que o dizem, mas da maneira como dizem. E, é neste ponto, que o leitor irá achar elos de profundo sentido no texto de Pompéia e Joyce. Precisamos ter a certeza apenas de que Shakespeare que gerou Joyce, também gerou Pompéia, assim como Machado de Assis. Temos no Brasil um tronco poético comum: poesia inglesa/francesa que vem do Latim e do Grego. Quanto a isto, Stephane Mallarmé tem um estudo de mais de duzentas páginas, chama-se **Los Mots Anglais**.· Mallarmé, que tinha Hamlet como herói!



Aristarco (Desenho de Raul Pompéia).

A linguagem poética tem dessas coisas: de repente encontramos a "nossa" família dos **heróis casuais** e como leitores nos compreendemos muito bem na "travessia" da linguagem poética. Travessia/tradução. Por um romance lê-se o outro. Uma leitura através. Atravessada de textos, isto é, intertextualizada. Ler com vista no "outro", no "outro" que me faz "diferente". É o caso de **Ema**. A presença feminina em um ambiente masculino. Mas a Literatura não tem gênero. A Literatura, a profunda Literatura não se define pelo gênero, mas por sua "origem". A Literatura nasce dela mesma. Ema está no **Ateneu** como no **Portrait**. Poder-se-ia lembrar aqui o desenho de **Ema** a bico-de-pena pela mão do próprio autor. **O Ateneu** como o **portrait of the Artist** retrata **Ema**. Flaubert é mestre desse "leitor"... Sim, tanto Pompéia quanto James Joyce tiveram forte admiração pelo Criador de **Madame Bovary**... Bouvard et Pécouchet... Eis, o que se denomina de **Literatura Paródica**: recitação dela mesma, noutro tom, noutro ritmo, de tal modo que se recupere e retrate o lado mais inverso da realidade pelo **Humour** que essa transversão paródica, que implica linguagem, precisa expressar. E a expressão desse "humour" está na linguagem, isto é, na forma do discurso Sérgio/Stephen: uma linguagem realista em sua objetivação mesma como linguagem. A realidade da literatura é sua linguagem mesma recriada.



O ATENEU (Desenho de Raul Pompéia)

Há dentro do **Ateneu** como no **Portrait of the Artist**, um mundo interior essência da própria Literatura Universal que se pode chamar mundo interior destes romances mesmos. Nele, isto é, nesse mundo interior, pelo qual se abre ao leitor a perspectiva de uma mais alta forma de vida, que vai desde o "estado" presente de sua linguagem a consciência do herói/homem civilizado, ultrapassando o estado de animal. Romance autobiográfico, portanto. De uma autobiografia cuja fonte emana de muitos autores e onde o entreespelhar de suas linguagens faz, por analogia, contemplar seu autor. biobliografia por onde se lê uma autografia do autor. Evidentemente, em escritores como Pompéia e Joyce, a compreensão do conteúdo de suas obras, ou seja, a compreensão de seu significado é de fundamental importância. Pompéia e Joyce, portanto, para falar novamente deles, participaram da dignidade do saber poético colhido nos clássicos, e nisto se compreende o significado da obra, tanto de um quanto do outro escritor. Por quê?

Ora, porque a leitura que eles leram é o significado de sua obra. Digo significado no sentido de "referência". Essa "referência" mesma requer maior respeito do leitor. É preciso, então, manifestar este respeito mesmo na leitura desse significante ou na forma poética da linguagem de Sérgio e Stephen, personagens que revelam leitura; leitura de obras radicais, a leitura tanto dos românticos, os mais populares quanto dos clássicos, os mais particulares e restritos a um pequeno grupo de artistas e criadores. Aqui é o lugar para exemplificar um pouco desse significado com a indicação de Stephen **Hero**, o herói da obra joyceana, que convida o leitor a uma leitura radical dessa mesma obra a partir de sua fonte original que retorna ao Grego e Latim. Stephen é severo. Numa disciplina jesuítica: "He read Skeat's **Etymological Dictionary** by the hour and his mind, which had from the first been only too submissive to the infant sense of wonder, was often hypnotised by the most commonplace conversation." Quanto a Sérgio, é fácil conceber a atração que o chamava para o **Ateneu**, um mundo tão altamente interessante, no conceito de significado ou referente... mesmo que isto se torne à medida da experiência vivida um "honrado engano" pelo "ardor franco de uma empresa ideal". Mas Sérgio é dos fortes, diz Aristarco.

Aqui está o nosso código! Leiam! Todas as culpas são prevenidas uma pena para cada hipótese: o caso da imoralidade não está lá. O parricídio não figura na lei grega. Aqui não está a imoralidade. Se a desgraça ocorre, a justiça é o meu terror e a lei é o meu arbítrio! Briguem depois os senhores! Literatura não se faz sem leitura. E este luxo cultural do conhecimento do outro pela leitura de obras radicais não provém do simples empenho de fazer atitude de exemplar, e sim, da mais rigorosa disciplina artística, que é, no dizer de Fernando Pessoa, uma conquista de alma. Literatura refinada para...

**Francisco Ivan da Silva** é doutor em Semiótica pela PUC de São Paulo. Professor do Departamento de letras da UFRN

# AQUI E AGORA

**VOLONTÉ**

"O melhor lugar do mundo é aqui e agora". Oriente—ocidente. É interessante observar que vivemos num mundo "tão frio", cheio de ilusões. Talvez por isso mesmo, ainda a arte não conseguiu libertar-se dos dogmas. O retrato de uma sociedade é o espelho dela própria. Nunca vamos ter oportunidade de um dia praticar o que sonhamos. Tudo que nos chega e nos informa possui duas faces da moeda: verdade e mentira. O que me toca e grila são trapaças, informação — desinformação. A televisão é um câncer incurável (talvez-sempre existe esse talvez-descubram a cura do câncer), doença comunicativa em desespero. E os teóricos vivem disso. A propaganda idem. Meu mal é meu mal. A paixão é utópica, e viva "Romeu e Julieta", infestando as favelas e senzalas. Lobo-mau, negro-gato, e tamborins na carnavália, porque "o medo de amar é o medo". A poética do desespero, um deus pagão, solitário no meio de uma multidão violentada pelo Estado, somos prisioneiros da difamação, do medíocre, Antonio Saliere é real. Mas o irreal é aquele que não vê a ótica do futuro. "Admirável gado novo", música de Zé Ramalho (meu irmão que morreu tragicamente num acidente de moto, me falava sempre sobre esse problema). "Marcha um homem sob o chão leva no coração uma ferida acesa". Tema: "Morrer deve ser tão frio". Um segundo é tão importante como toda uma vida. Explicação: a morte pode ser um relâmpago. O passado no futuro será todo computadorizado. Hoje podemos gravar em vídeo os momentos mais importantes de uma criança e depois mostrá-la quando ela estiver na idade adulta, assim como podemos filmar um parto. E quem acha que a psiquiatria é alienação, engana-se. É fundamental. A arte é arte desde os antigos até agora. A ausência da arte nos "transforma em covardes", ou seja: a consciência. "Vamos comer poesias". Quem come ? Não sei. O trágico-cômico: a moda. O que será ? Invasão, colonização. Enganar o próximo também é arte. Exemplo: a religião. E a vanguarda é aquilo que a educação não conseguiu fazer, quer dizer, educar. Culpa de quem? Só não é minha, sou também desinformado porque não tenho tempo para me informar. Gosto muito da antropofagia, mas me falta tempo para pesquisá-la, e, de todas as maneiras de peneirar prefiro uma noite num bar. Enquanto escrevo isso acontecem milhões de coisas neste planeta: desastres, suicídios, assassinatos, etc. Vale a pena ser poeta? (sempre repito isso, me faltam outras palavras). Corte: beber old par. maravilhoso, meu poeta frustrado. Um cantinho um violão. (Stan Getz, Astrud Gilberto e João Gilberto, que me perdoem os tapados, são gênios). Terapia. Pela idiotice dos nossos "puristas" escrotos, o rock nos chegou atrasado. E os Titãs estão aí para provar que o rock veio para ficar na história da música brasileira. A xenofobia é tão reacionária assim como o racismo. E "viva a vaia".

**Volonté** é poeta. Autor dos livros "Antecedentes Criminais" e "Cara a Cara".

# APRENDER OU VIR VER

**J. MEDEIROS**

Diante a conTRADIÇÃO gutural, a tradição & a conTRADIÇÃO D'AVANGARD, o "Rio Noigandres do Norte" como pronunciou o poeta angicano Jarbas Martins, é literalmente um estado sem memória mas não é um elefante desmemoriado. Somos efêmeros e comemos a nós próprios, somos endocanibales, descendentes sumérios enquanto que o restante do NE padece em suas raízes muçulmanas (como já bem referiu o ayatolá) com exceção das nossas raízes yorubás . . . no continente atlântico Nordestinado permanecem as castas sociais açucareiras em analogia ao cofee du brasilien, AQUI um sentimento khaósmico em ascendência kósmik emerge dentro da efemeridade que se corporifica neste mozaico/geléia geral ilimitada (sem nostalgias sessentistas de uma "Londres Nordestina". Nossos valores nacionalmente projetados serão apenas os bregas ? . . . Desconhece-se um Abraham Palatnik, inventor da arte Cinética, da mesma forma, confunde-se a sabedoria múltipla de uma Nízia Floresta com diz-q-diz Comteano . . .

Nossa conTRADIÇÃO se inicia com Manuel Dantas, uma tradição visionariamente semiótica (o fotógrafo memorial da cidade) e que acha-se registrado em belíssimo livro do arquiteto João Maurício: "380 anos de memória fotógrafica da cidade do Natal". Já no ano de mil e novecentos e nove meses antes da publicação do Manifesto Futurista de Marinetti no Brasil, em Natal, no Jornal "A República", o referido performer pronunciava no Salão Nobre do Palácio Governo a conferência "Natal, daqui a cincoenta anos". Uma conTRADIÇÃO que perpassa pela sonoridade de um Hianto Almeida e pela invenção do violão elétrico (ver Almirante) penetrando la Diocésia (a anti-academia idealizada pelo "futurista Jorge Fernandes," onde por pouquíssimas horas funcionou o "Museu das Berimbelas" aos happenings censurados pela polícia como o da **queima de livros** em sessenta e oito, e em dezembro realizaremos NATAL 68. Daki prá dakar como diria meu parceiro musical, o poeta Antonio Ronaldo, há um mar devasso nesse mar di versos nesse mar devasso, o póstudo.

Precisamos re-E-ducar nossa memória, os nossos pobres ouvídeos moucos, agora y siempre sinto como é simples ouvirver (thorquatro), pairamos sobre a nuvem, Gilberteana Number One (J. Medeiros & Geraldinho Carvalho) e por aí de tom em tom, até o New Ton, mão na mão, já dizia Hianto pré bossa nova, replicava Jobim. . .

Na esquina sul do sol, a explosão do MARAKATAMBA (maracatu com samba) criação do trumpetista fluminense Barrozinho e a voz da cantora potyguar Lucinha Morena, o mais novo gingado verbivocovisual puramente brasileiro universal, sem essa de new boss, ascendeu o Dick e pegou fogo o último fardo, o Farney, lá dos porões do grande Hotel, relíquia Art Decó abandonada, Paulo Lira, o som do piano, debaixo dos ouvidos das aranhas, a voz mais veloz do planeta, Ademilde Fonseca . . .

**J. Medeiros** é poeta e artista plástico. Tem exposições no Brasil e exterior. Um dos ativos participantes do Poema-Processo.

Ubaldo Bezerra

# LENINE PINTO:

## Lembranças de um jornalista da província

Entrevista a MARIZE CASTRO

**Ele é um saudável cinquentão de olhos claros. Apaixonado pela poesia de Rilke e Garcia Lorca e pela literatura de Katherine Mansfield — aquela que viu a vida através do cristal —. Começou a trabalhar aos 14 anos de idade, na Mesbla, no Rio de Janeiro. Aos 17 já escrevia em jornal aqui em Natal, era expulso do colégio e criticava Câmara Cascudo e seu clube cultural "O Clã do Jabuti". Lenine Pinto, natalense, jornalista, foi "vedete" na TV Brasília, Canal 6, Rede Tupi de Televisão, onde apresentava inúmeros e variados programas, na década de 60. Foi assessor do Senado, funcionário da Panair do Brasil e Varig. Desde 72 que vaga pelo mundo "brincando de fazer camping". Reside oficialmente em Brasília, fazendo do Planalto seu porto. Aposentado, passa a maior parte do tempo andando pelo país e exterior, com sua companheira, no seu pequeno e bem equipado trailler. Ano passado ele esteve em Natal. Ainda jovem, comunicativo, muito falante. Conversamos numa manhã de sol, num domingo de muita luz, no camping do Jiqui, onde Lenine se encontrava "ancorado". Eis um homem cheio de vida e lembranças.**

**Como você começou no jornalismo?**

Eu comecei em 1947, no jornal O DEMOCRATA, do PSD. Eu tinha 17 anos. Ali eu convivia com o Dr. Eloy de Souza, que era realmente uma figura extraordinária. Um homem que ditava artigos imensos para Joanilo de Paula Rêgo. Joanilo anotava os artigos na minha companhia. N'O DEMOCRATA eu era uma espécie de discípulo de Esmeraldo Siqueira, Antônio Pinto de Medeiros e do principal articulista do jornal, que na realidade era Romildo Gurgel, e não o Dr. Eloy de Souza.

**Quem mais fazia parte de O DEMOCRATA? Se não me engano Veríssimo de Melo, que atualmente é o presidente do Conselho de Cultura do Rio Grande do Norte, também era um dos integrantes do jornal.**

Sim, Veríssimo também fazia parte. Mas devo confessar que essa turma era meio panfletária. Inclusive até mesmo Dr. Eloy, que era brilhante e muito violento nos artigos dele. A exceção era Veríssimo que sempre foi uma pessoa mansa. Ele redigia uma espécie de suplemento literário no jornal. Naquela época ele estava começando as pesquisas sobre Folk Lore. Eu me lembro que ele publicava artigos sobre "Acalanta", e guardava o chumbo das composições. Foi assim que Vivi conseguiu publicar os primeiros livros dele. O DEMOCRATA era muito agressivo, como sempre foi a política do Rio Grande do Norte. Era um jornal que naquela época estava lutando na Justiça Eleitoral para manter a eleição do Dr. José Varela Cavalcanti contra o desembargador Floriano, que dizem que realmente tinha ganho a eleição na boca da urna. Por fim, o PSD conseguiu na Justiça Eleitoral depurar os votos e elegeu o Dr. José Varela. Os dois eram grandes candidatos, duas grandes figuras. Os ódios é que eram grandes. Daí eu escrevi umas terríveis calhordices das quais não me culpo muito porque eu era inipitável. Tinha apenas 17 anos. Mas se eu tiver que me arrepender algum dia de algo que eu fiz, eu me arrependerei daquela fase. Foi uma coisa horrível, desonesta. Mas veja como são as coisas no Rio Grande do Norte, terminamos todos tomando água nas mãos da UDN. O maior protetor de Romildo Gurgel foi Dinarte Mariz. Nós costumamos até chamá-lo de "papai". Eu e amigos muito chegados ao velho Dinarte, quando nos referimos a ele, só o chamamos de "papai". É um jeito carinhoso nosso.

**Além de O DEMOCRATA você também trabalhava na Panair do Brasil, como você conseguiu conciliar as duas coisas?**

Eu comecei a trabalhar na Panair na época que eu escrevia n'O DEMOCRATA. Aliás, eu era um colaborador de O DEMOCRATA, não era como os outros, inclusive eu até não ganhava nada. Era na Panair que eu tinha o meu salário. Depois eu fui trabalhar na Companhia de Aviação Inglesa, em seguida fui trabalhar na Companhia de Aviação Argentina e fui ser repórter do DIÁRIO DE NATAL. Aí eu me soltei muito. Eu acho que eu sou é jornalista, eu gosto muito de jornal.

**O DEMOCRATA era muito agressivo, como sempre foi a política do Rio Grande do Norte**

**Como foi a sua ida para o Rio de Janeiro?**

Eu fui embora para o Rio de Janeiro quando a Companhia se transferiu para Recife e fez uns cortes no pessoal. Nessa época o Dr. José Augusto chegou a me dar um emprego no Ministério da Justiça do Rio de Janeiro. No dia da posse eu desisti porque eu já estava trabalhando na Varig. Na realidade, eu não dava mesmo para funcionário público. Depois na Varig eu fiz várias transferências, vim para Recife, voltei para o Rio, depois fui para Brasília. Em Brasília, eu voltei a reencontrar o meu velho amigo Edilson Varela, e terminei saindo da Varig para trabalhar nos Diários Associados. Lá eu comecei como chefe de departamento comercial. Logo em seguida, Demerval Costa Lima, que era o diretor da emissora e é um dos fundadores da televisão no Brasil, me colocou no telejornalismo e eu terminei como "vedete". Eu redigia e apresentava vários jornais e ainda tinha os meus próprios programas. Foi loucura. Fazia programas de esporte, automobilismo, tudo. Nos sábados eu tinha um programa muito longo na hora do almoço. Fiz algumas entrevistas muito interessantes, inclusive com o general "Popeye".

**O General Olímpio Mourão?**

Sim, o pai de... (me lembre que eu vou lhe dar o livro dela) daquela menina, como é o nome dela?

**Laurita.**

Laurita Mourão. Fiz entrevista com o general Olímpio e com o outro que fez a revolução com ele lá em Minas, e morreu em Londres... Agora não me lembro o nome dele. Acho que foi a primeira entrevista dada por eles depois do sucesso do Movimento de 31 de março, porque foi logo em seguida, três, quatro dias depois de vitorioso o Movimento eles chegaram em Brasília, ainda fardados. O Olímpio de capacete de aço na cabeça, cachimbo. E ali eu os entrevistei para a TV Brasília, Canal 6, que pertencia a Rede Tupi de Televisão.

Outra entrevista interessante que fiz na televisão foi com Mequinho ainda menino, ele devia ter 12 anos de idade, quando surgiu como menino gênio. Inclusive nós jogamos uma partida de xadrez no ar e ele me ganhou em poucos lances. Agora um fato marcante

quando eu era repórter do Diário de Natal, foi uma entrevista que fiz com o presidente do Tribunal Regional Eleitoral, o desembargador Francisco Canindé de Carvalho. Eu fui no sábado e o entrevistei sobre uma "brejeira" que ocorreu no interior do Rio Grande do Norte, e que teria determinado a derrota da candidatura de José Augusto Bezerra de Medeiros, em 1954. Ele confirmou a "brejeira", e deu os nomes das pessoas envolvidas. A entrevista foi publicada no dia seguinte, no domingo, no "POTI". Lembro-me muito bem que o Luís Maria Alves chegou na segunda-feira com o jornal na mão, dizendo aos berros para Edilson Varela: "Isso é que é Fazer jornal, isso é que é fazer jornal".

**O maior protetor de Romildo Gurgel foi Dinarte Mariz. Nós costumamos ate chamá-lo de "papai". Eu e amigos muito chegados ao velho Dinarte, quando nos referimos a ele, só o chamamos de "papai".**

**Qual a função de Luíz Maria Alves naquela época?**

Naquela época ele era repórter, fazia a parte de política. Tive uma oportunidade de fazer junto com Luíz Maria Alves uma entrevista com o Marechal Juarez Távora, quando o mesmo era candidato à presidência da República.

**E qual foi o desfecho do caso da "brejeira"?**

O desembargador Francisco Canindé de Carvalho foi demitido, ou melhor, teve que renunciar a Presidência do Tribunal Regional Eleitoral. Ele realmente foi muito indiscreto, ele não poderia ter dito o que disse. A entrevista foi sensacional. O que todo mundo procurava manter em sigilo, ele abriu o jogo e disse que realmente tinha acontecido a "brejeira". A coisa era mais ou menos óbvia, porque o Dr. José Augusto deveria ter tido uma votação muito grande em um certo município do Seridó e, infelizmente, substituíram os votos que seriam para ele por votos para outro candidato. Esse fato me marcou muito porque envolvia um político que era ligado à minha família.

**Afinal, quem era o político que disputava com José Augusto?**

Djalma Marinho. O Djalma foi eleito e o velho Augusto ficou como 1º suplente.

**Dinarte Mariz teve alguma participação nesse episódio?**

Dinarte trabalhou pela eleição de Djalma, mas não acredito que pessoalmente ele tenha participado da "brejeira". O Dr. Juvenal Lamartine me disse que Dinarte teria declarado que quem teria dado os votos de Djalma em Caicó teria sido o irmão de Djalma, o Dr. Milton Marinho, que era um médico excelente e que tinha muitos votos. Mas o Dr. Juvenal não se convenceu e disse para Dinarte: "Dinarte, Milton mora há cinco anos em Caicó, enquanto que José Augusto tem estátua pública na cidade. É claro que Milton não vai ter mais prestígio do que Zé Augusto, em Caicó".

**Como era José Augusto?**

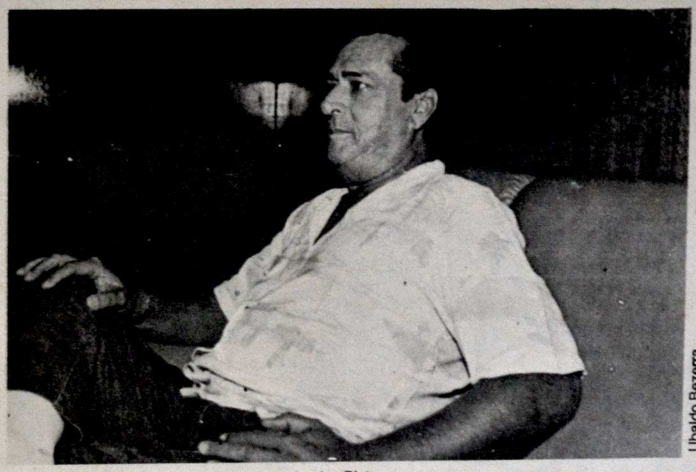
Era paupérrimo, paupérrimo. O velho Zé Augusto sempre foi pobre, nunca teve nada. Nunca gastou um centavo em campanha política. Ele chegava no Estado 15 dias antes da eleição. Ganhava porque era um homem trabalhador, um homem de uma inteligência extraordinária. Penso até que ele foi o último político do Rio Grande do Norte no Congresso Nacional. Não me lembro de nenhuma figura com o talento dele. É certo que Dinarte teve mais prestígio do que ele, porém, o velho Zé Augusto era um político com o estilo dos grandes políticos de antigamente, de Pedro Velho, de Alberto Maranhão. Mas sempre foi pobre. Tinha um apartamento financiado pela Caixa Econômica. Quando ele foi cassado, quando o Congresso fechou, em 37, Zé Augusto foi vender seguro de vida. Ele não tinha absolutamente como sobreviver. Vivia só de fazer política. Politicamente foi tudo no Rio Grande do Norte, governador, senador, deputado estadual. Era um grande líder.

**Eu gostaria que você falasse um pouco sobre Juvenal Lamartine, o sucessor de José Augusto no governo do estado. Parece que ele foi também outro político singular.**

Dr. Juvenal foi o homem que caiu com todo o regime, com toda a Velha República, com a Revolução de 30. Dr. Juvenal era uma figura extraordinária. No final da década de 20, ele governou o RN de dentro de um avião. Ele andava, você imagine que risco de vida, naqueles aviões da década de 20, aqueles teco-tecozinhos. Fundou o Aero Clube do Rio Grande do Norte e voava o estado todinho para ver obras e tentar resolver outros problemas do RN. Depois dele eu sei que teve apenas um Chefe de Estado que fez isso: o Hitler, na Alemanha. Governou a Alemanha dentro de um avião. Mas os aviões utilizados por Hitler já eram mais modernos e seguros. Muito diferentes dos aviões utilizados pelo Dr. Juvenal. Dizem que a plataforma dele, quando foi candidato ao governo do estado, pode ser utilizada hoje por qualquer candidato, porque ainda é atualíssima. Não existe problema hoje no Rio Grande do Norte que ele não tenha previsto há mais de 50 anos atrás. Era um homem admirável. Moderno.

**Retrocedendo no tempo, eu gostaria que você falasse um pouco sobre a época do TESEU e sobre o "incidente" que houve envolvendo Cascudo e o "Clã do Jabuti".**

TESEU era o nome do jornalzinho que nós tínhamos no Colégio Atheneu Norte-Riograndense. A gente associava o jornal à coisa da procura, da busca dos caminhos, do labirinto que é a vida, uma coisa assim meio poética. Aí dei um azar porque Cascudo tinha criado aqui em Natal o "Clã do Jabuti", e eu achei de escrever um artigo logo no primeiro número do TESEU esculhambando com o "Clã", dizendo que era uma idéia fascista. Coisa de turma de esquerda. Havia um patrulhamento enorme, e no jornalzinho só tinha gente de esquerda.



Ubaldo Bezerra

Lenine Pinto

**Afinal, o "Clã do Jabuti" era apenas uma brincadeira de Cascudo ou era algo mais sério?**

Era um clube cultural, onde Cascudo botava uns amigos ricos dele, como o Luís Veiga, que tivessem muito dinheiro e pudessem patrocinar os movimentos culturais dele. Cascudo costumava colocar também uns amigos pobres para trabalhar para ele. Veríssimo, por exemplo, foi encarregado, na época do "Clã", para tomar conta desse negócio de Folk Lore, de bambelô e tal. Certa vez Cascudo me chamou e me propôs tomar conta de um Teatro de Mamulengo. Eu disse a ele: "Cascudo, eu não entendo nada de mamulengo". Ele respondeu: "Você é vivo, você escreve". Eu respondi: "E eu lá sei escrever peças de mamulengo, Cascudo". Aí ele me disse o seguinte: "Você vai escrever para Dona Cecília Meireles". Você já imaginou o peso da minha responsabilidade? Escrever para Cecília Meireles. Tradutora de Rilke! E tome carta para Cecília, e Cecília carta para mim. Mandava-me pecinhas, fotografias de bonecos... Mas eu terminei desistindo desse negócio de Teatro de Mamulengo. Aliás, eu não gosto nem de assistir Teatro de Mamulengo.

**Qual foi a reação de Cascudo ao ler o seu artigo contra o "Clã do Jabuti"?**

Cascudo nunca ligou para isso. Nunca. Quem ligava era os amigos. Antônio Pinto e outros é que acharam ruim. Cascudo nunca me cobrou isso. Eu quando tinha qualquer aperreio, ligava para a casa de Cascudo. Até para escrever certas palavras. Eu não tinha dicionário em casa. Não podia nem comprar dicionário. Eu ligava: "Quero falar com Cascudinho". Aí Dona Dália perguntava: "Quem quer falar com ele?" Eu respondia: "É Lenine Pinto". Ele nunca deixou de atender um telefonema meu. Me tratava com o maior carinho. Foi amigo a vida inteira. Hei de publicar um livro sobre os americanos em Natal, uma nova versão, com uma carta-prefácio dele. Vai sair para inveja de todas aquelas pessoas que se incomodaram quando eu escrevi o artigo falando mal do "Clã do Jabuti".

**A minha geração teve dois grandes artistas. Zé Gonçalves e Newton Navarro.**

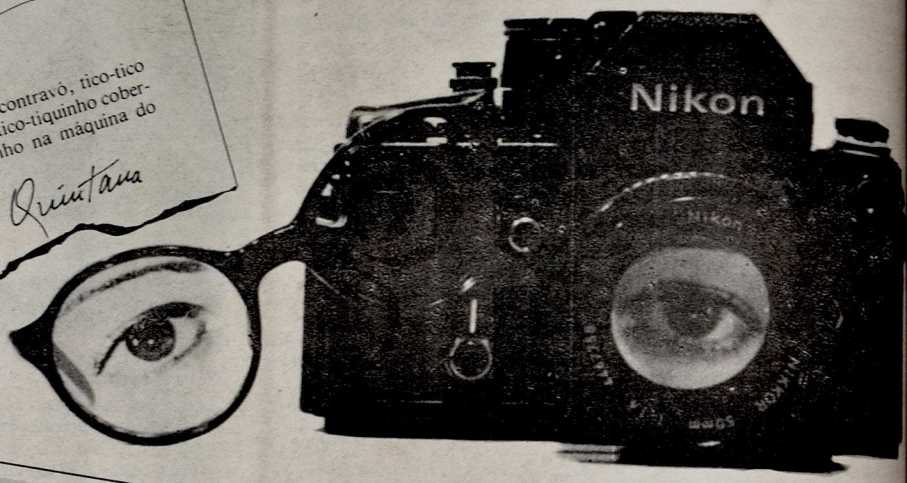
**Vamos falar agora sobre a sua geração. Quem era quem?**

Bom, a minha geração eu penso que foi uma das gerações mais brilhantes. Talvez a mais culta que o Rio Grande do Norte já teve. De um lado, Antônio Pinto de Medeiros, do outro, José Gonçalves de Medeiros. Ambos oriundos de seminário. Ambos trazendo uma cultura musical muito grande. Conheciam tudo de música, tudo de literatura francesa, que era a literatura que predominava naquela época. Então os dois foram nos familiarizando com os livros, os clássicos. A minha geração teve dois grandes artistas. Zé Gonçalves e Newton Navarro. O pintor e o escritor. Dois poetas. Escutávamos muito, na casa de Oswaldo Lamartine, a primeira gravação de "Nature Boy", cantada por Frank Sinatra. Na época, Sinatra gravou apenas com um coro, porque a orquestra se recusou a acompanhá-lo. Diziam que "Nature Boy" era uma declaração de amor de um homem para outro. Anos depois, numa entrevista com o compositor – um ermitão que vivia isolado –, ficou esclarecido que o rapaz, o **nature boy**, seria Jesus Cristo. Era Jesus Cristo aquele rapaz lindo, luminoso, que ele tinha visto passar na sua frente, e que diz para ele que a coisa mais importante na vida é ser amado e retribuir o amor. Uma coisa linda. Nós escutávamos "Nature Boy" todos os dias na casa de Oswaldo Lamartine, o filho de Juvenal Lamartine

PASSARINHO EMPALHADO

Quem te empoleirou lá no alto do chapéu da contravó, tico-tico surubico? Tão triste... tão feio... tão só... Meu tico-tiquinho coberto de pó... E tu que querias fazer o teu ninho na máquina do Giovanni fotógrafo!

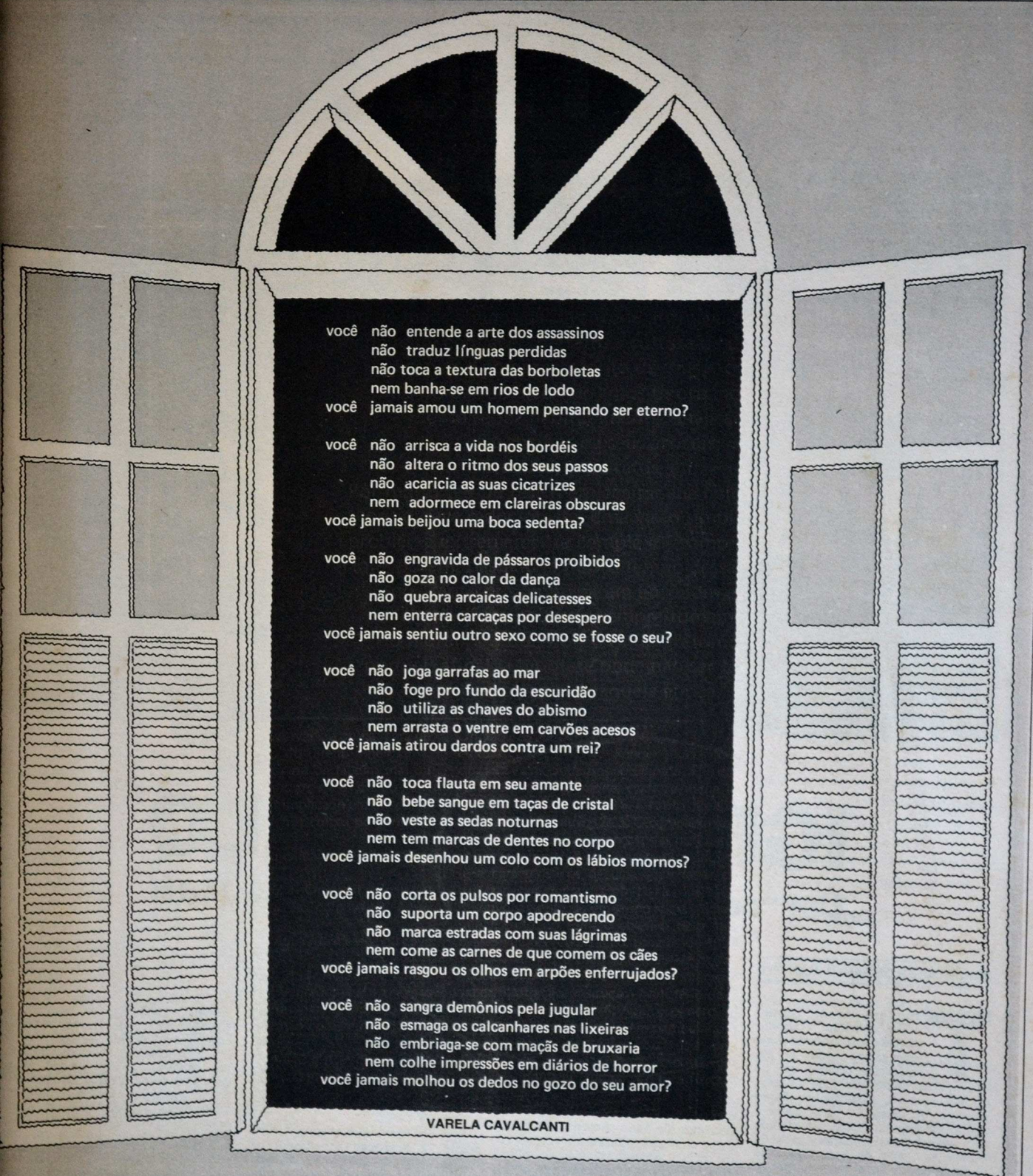
Mario Quintana



Walter Firmo

DA SÉRIE
RETRATOS
DO BRASIL

Giovanni Sérgio teima em ser fotógrafo.



você não entende a arte dos assassinos
não traduz línguas perdidas
não toca a textura das borboletas
nem banha-se em rios de lodo
você jamais amou um homem pensando ser eterno?

você não arrisca a vida nos bordéis
não altera o ritmo dos seus passos
não acaricia as suas cicatrizes
nem adormece em clareiras obscuras
você jamais beijou uma boca sedenta?

você não engravida de pássaros proibidos
não goza no calor da dança
não quebra arcaicas delicatesses
nem enterra carcaças por desespero
você jamais sentiu outro sexo como se fosse o seu?

você não joga garrafas ao mar
não foge pro fundo da escuridão
não utiliza as chaves do abismo
nem arrasta o ventre em carvões acesos
você jamais atirou dardos contra um rei?

você não toca flauta em seu amante
não bebe sangue em taças de cristal
não veste as sedas noturnas
nem tem marcas de dentes no corpo
você jamais desenhou um colo com os lábios mornos?

você não corta os pulsos por romantismo
não suporta um corpo apodrecendo
não marca estradas com suas lágrimas
nem come as carnes de que comem os cães
você jamais rasgou os olhos em arpões enferrujados?

você não sangra demônios pela jugular
não esmaga os calcanhares nas lixeiras
não embriaga-se com maçãs de bruxaria
nem colhe impressões em diários de horror
você jamais molhou os dedos no gozo do seu amor?

VARELA CAVALCANTI

**Varela Cavalcanti,** poeta, bancário, "ex-psicólogo". Autor dos livros "Cancros e Músculos" e "Eros Assustado".

Marcus Ottoni

Igreja do Galo, um dos marcos históricos da cidade.

# IGREJA DO GALO

## Um "consultório espiritual" no centro de Natal

**REPORTAGEM DE PAULO AUGUSTO**

Transformada em "consultório espiritual", servindo de apoio a centenas de peregrinos que a ela recorrem sempre que as intempéries materiais lhes afligem ou desesperam, a igreja de Santo Antônio, ou igreja do Galo, como é conhecida popularmente, em virtude de abrigar um histórico galo de bronze no topo de sua torre, há muito serve de fanal para os que se perdem nas inúmeras tempestades dessa vida. "Não somente católicos, mas pessoas ligadas aos mais diversos credos vêm aqui costumeiramente em busca de um conforto espiritual", testemunha o atual prior do convento, responsável pela formação de cinco noviços, frei Severino Batista de França.

São poucas as pessoas em meio à multidão que lota a igreja do Galo todas as terças-feiras, para vivenciar um verdadeiro espetáculo produzido durante as "Orações Carismáticas", que sabem a verdadeira história do **Convento de Santo Antônio. Inebriados** e eletrizados durante o verdadeiro transe, quando se dão as mãos diversas vezes, neutralizando momentaneamente as diferenças sociais que os separam, raros são os fiéis que poderiam identificar no Galo de Bronze os rudimentos da história da cidade.

Tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, a igreja, que durante certo tempo foi sede do Colégio Diocesano Santo Antônio, ocupando também a casa vizinha, à direita da fachada principal, pertence ao patrimônio da Arquidiocese de Natal e está, desde 1939, entregue aos cuidados dos padres capuchinhos.

Frei Severino, que orienta, atualmente, a formação conventual de cinco noviços, em companhia de mais dois frades, observa, pressuroso, as especulações acerca da possível "doce vita" que, aparentemente é levada em monastérios:

— Somente a igreja é tombada pelo Patrimônio Histórico, o convento, não. Não recebemos nenhuma subvenção, municipal, estadual ou federal. Não podemos ter reservas econômicas, devido ao voto de pobreza franciscana. Vivemos de esmolas, como era a vida de São Francisco. Os noviços estão vivendo este ano de provação, com aprofundamento da vocação, um ano de muita oração. Depois, irão a Recife fazer Filosofia e Teologia, no Convento dos Capuchinhos. Não podemos fazer previsão de gastos" — assinala. "A gente só conta com o que chega das coletas e doações, dos nossos trabalhos pastorais, missas, casamentos e da pregação das santas missões nas cidades do interior. Nossa vida é muito sóbria" — escuda-se.

Com esse patrimônio financeiro, arrecadado no seio da caridosa massa de frequentadores, o convento mantém, todavia, o que frei Severino conceitua como "uma assistenciazinha social". "O convento paga o pão duas vezes na semana para 50 famílias carentes, cadastradas, e, todo dia 13 de cada mês, em honra a Santo Antônio, festejado naquele dia, distribui 130 feiras para 130 famílias. Agora, aqui é o dia todo o pessoal pedindo consultas médicas, aconselhamentos, passagens, dinheiro para medicamentos, para reconstruir casas que caíram, telhados que cederam. Nosso trabalho, no entanto, é humilde. Atendemos grande número de chamados para encomenda de corpo, em velórios. E há, também, doações de casas comerciais e residenciais. O convento é o santuário de Natal", regozija-se. "É uma das igrejas mais concorridas de Natal, senão a mais frequentada".

Um dos marcos históricos da cidade, a igreja integra o conjunto de que fazem parte o antigo Quartel General do Exército, hoje Memorial Câmara Cascudo, o Museu do Sopradinho, o Instituto Histórico e Geográfico, e o Palácio do Governo. A data de sua construção é desconhecida, embora se saiba que já existia em 1763, conforme apurou Luís da Câmara Cascudo. A data de agosto de 1766, inscrita sobre a porta principal do templo, segundo Cascudo, "deve significar o fim da construção. A torre nasceu depois. Uma inscrição no cimo da porta da torre informa que em janeiro de 1799 esta se concluira", conta Cascudo.

Na "Acta Diurna", que publicava no jornal "A República", ele menciona, no dia 15 de outubro de 1939, o Galo de Bronze e o seu doador, capitão-mor Caetano da Silva Sanches, governador da Capitania de agosto de 1791 a março de 1800. "No alto da torre, em volta do poleiro de azulejos, roda o vento doce no Galo de bronze secular. Pertence à fisionomia do bairro e possui sua história, relembrada pelos velhos moradores da rua de Santo Antônio, ainda em recordação nas palestras sereneiras, noite de lua cheia. Lourival Açucena dedicou-lhe versos. Creio que são os únicos. Datam de mais de sessenta anos. Vamos ressuscitar os versos, que deliciavam os nossos natalenses de outrora: "Caetano da Silva Sanches/Governador português./Foi quem aqui colocou-me,/ Há mais de um século talvez./ Cocorocó! Vou cantando/ A minha bela toada,/ Louvando com outros galos/ A serena madrugada!/ Por todos os quatro ventos/ Me vereis sempre emproado.../ Não tenho 'gogo' e meu canto/ Solto bem atenorado!/ Cá do alto lobrigando/ Traquinadas do Demônio,/ Vos mandarei telegrama/ Da Torre de Santo Antônio!..."

Augusto Severo Neto

Palavras. Processo. Concreto. Interação. Nuclear. Cósmico. Cibernético. Quadros que prepararão quadros que, por sua vez... Telas. Óleos. Aguadas. Aquarelas. Primitivingenuidade. Surrealismo. Impressionismo. Guache. Figurativismo. Tempera/tura. Subindo sempre. Suor. Em qualquer língua. Crescendo e descendo. Por gravidade. Por gravidez. Complexo. Sexo. Freud. Froide. Fo... Ora, não enche!

E depois o monodiálogo:

Quer deitar comigo?

– Você está louco? Está pensando que... Mas para que foi perguntar isso diante de tanta gente? Eu até...

Eu sugarei o sangue do seu seio esquerdo e no direito injetarei tintura das Cantáridas.

– E o povo?

O povo está morrendo de fome, de angústia, de sufocação. Ninguém se preocupará com nós dois. Inventaremos ritmos e movimentos diagnoelicoidais. Conseguiremos prolongar o orgasmo até uma controlável pré coma. Transformaremos em orgãos sexuais todas as extremidades táteis e, girando a esclerótica, seremos auto-testemunhas da grande festa interior. De tudo isso publicaremos equações e teoremas que servirão de teses e inspirarão temas para as conferências da OTAN, da FAO, da OPEP e da UNESCO, além de serem retransmitidas, ao vivo, por satélites artificiais.

– Mas... você promete não contar nada a ninguém? Senão o que iriam pensar de mim?

Porra! O povo continua sufocado e eu sou povo. Já me falta o dinheiro para o vinho e para a viagem. Apareça um velho senil e eu venderei o meu testículo esquerdo ainda em perfeito funcionamento. Não vendo os dois porque assim desapareceria a motivação da viagem.

– E onde iremos nós?

Ao espaço de todas as geografias. Reformularemos roteiros e acidentes. Descobrinventaremos continentes, penínsulas e arquipélagos. Caminharemos até que gritem os nossos pés o cantochão do cansaço. Então cairemos embriagados de beleza.

– E depois?

Despertaremos com a Quinta Bacchiana e recaminharemos pela trilha musical de Severina no Auto da Compadecida. Haverá homens e mulheres de largos pés plantados como raízes. As guitarras flamencarão sem conseguir apagar a imensa nordestinidade que cairá sobre a terra.

– E o povo?

FOME!!!

"Era uma vez três irmãs em uma casa de putas pobres". Era uma vez três putas que se transfomaram em irmãs. Era uma vez três outras irmãs que abandonaram o recolhimento e se transformaram em putas. Por fome, Fome! Fome! Fome!

Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade.

---

**Augusto Severo** é poeta e escritor. Membro da Academia Norte-Riograndense de Letras.

## SEMINÁRIO DE MÚSICA NA FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO

O 1.º Seminário de Música da Fundação José Augusto será realizado de 04 a 13 de julho deste ano. Segundo a diretora do Instituto Waldemar de Almeida, Dejair Borges, idealizadora e coordenadora do Seminário, os objetivos da promoção são os seguintes: oportunizar alunos e professores a se familiarizarem com matérias extracurriculares; apresentar os novos movimentos musicais em composição e dinamizar as práticas musicais desde a arte antiga à música de vanguarda.

Composição e Arranjo, Oficina de Criatividade, Música Antiga, Musicalização e Dança Antiga são os cursos programados durante o Seminário. As aulas serão dadas pelos professores Lindembergue Cardoso (Bahia) e Helder Parente (Rio de Janeiro).

Ainda no seminário, haverá um Encontro de Grupos de Choro, com a participação de Ademilde Fonseca. O encontro será nos dias 11 e 12 de julho, às 21 horas, no Teatro Alberto Maranhão.

O encerramento será no dia 13, às 21 horas, também no Teatro Alberto Maranhão. Muita Dança e Música rolarão por conta dos participantes do Seminário.

Maiores informações no Instituto Waldemar de Almeida, Rua Mossoró, 523, Natal/RN, ou pelo telefone (084) 221-5627.

## HAROLDO DE CAMPOS EM NATAL

"que eu te fie me deixe me esqueça me largue me desamargue que no fim eu acerto que no fim eu reverto que no fim eu conserto e para o fim me reservo". O autor desses versos, Haroldo de Campos, deve estar em Natal, no mês de setembro, dando o curso A ESCRITURA GALÁTICA: POESIA E TRADUÇÃO. Na ocasião, ele vai comentar o livro "Da condição Latino Amargura". Este trabalho consiste numa leitura da tradição da literatura brasileira.

Esta é a primeira vez que Haroldo vem a Natal, e com certeza não se arrependerá de nada, porque "Daki para Dacar, um mar devasso" (o verso é do poeta Antônio Ronaldo, que está intimado a cantar nas páginas de O GALO). A promoção é da Fundação José Augusto e UFRN.

Talvez depois da vinda do Haroldo, o anticrítico Augusto também resolva ousar nos visitar. Afinal, os Campos são mais férteis do que imaginamos.

## MOKITI OKADA – MOA ABRE INSCRIÇÕES

A Fundação Mokiti Okada-Moa/ São Paulo, avisa que já estão abertas as inscrições para o 5.º Salão Brasileiro de Artes Plásticas. As fichas de inscrições poderão ser retiradas nas agências do Banco do Brasil.

A partir deste número O GALO amplia o seu canto e abre este espaço para informar e comentar sobre o que acontece nas artes e na cultura desta "Província do sol", e nas outras "grandes e pequenas províncias" sejam do Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte ou Nordeste

## REDESCOBRINDO MYRIAM COELI

O escritor e crítico José Jácome Barreto, depois de algum tempo em silêncio, nos presenteia com o livro A ARTE POÉTICA DE MYRIAM COELI. Uma inteligente forma de redescobrir a belíssima poeta, autora de versos abissais (como a própria vida). "Esta dor de saber-me existe e subsiste/absurda, mas real/ na lúcida calma que me compõe/É a violência de ser que me brutaliza/ com fardos de tédio e oblações de nada".

Myriam Coeli foi uma artesã sábia diante da teia misteriosa. É o que há de melhor na poesia do Rio Grande do Norte.

O livro de José Jácome está sendo vendido nas livrarias Clima, no CCAB Norte, rua Princesa Isabel e Ribeira. Quem quiser adquirir o livro pelo correio deve escrever para a Editora Clima, rua Dr. Barata, 216, Ribeira, Natal/RN.

## GILENO GUANABARA CONTA A HISTÓRIA DA FACULDADE DE DIREITO DE NATAL

O Secretário de Cultura de Natal, Gileno Guanabara, desengavetou papéis, lembranças (ah, as gavetas da memória!) e escreveu o livro FACULDADE DE DIREITO DE NATAL. LUTAS E TRADIÇÕES (1949-1973). O lançamento foi no final de maio, numa noite chuvosa, sob as mangueiras do bar e restaurante Kasarão. Presentes muitos políticos, jornalistas e artistas.

Com a palavra o poeta Luís Carlos Guimarães, que também foi estudante de Direito na época de Gileno: "Gileno Guanabara, ao escrever sobre a Faculdade de Direito, desde sua fundação em 1949, até o começo dos anos 70, de uma só vez fez a história da casa de ensino, e com seu depoimento estigmatizou os espúrios tempos do arbítrio, da repressão, da ditadura. Este livro é um testemunho de Gileno Guanabara e de sua geração sobre uma era de escuridão em que, de candeia na mão atravessaram o túnel e foram ao encontro da manhã que ajudaram a construir.

## DRAMATURGOS DO NORDESTE SE REÚNEM

Estiveram reunidos nos dias 02, 03 e 04 de junho, no auditório da Fundação José Augusto, durante o Seminário de Dramaturgia Nordestina, promovido pelo Teatro de Amadores de Natal, dramaturgos de cinco Estados do Nordeste, avaliando e discutindo a literatura dramática produzida na região.

Durante os três dias do Seminário, quando foi visto o texto teatral de cada Estado participante, ficou nítido que o que mais contribui para a não representação de autores nordestinos, dentro e fora da região, é a não publicação de suas peças. Assim, dentre outras questões e conclusões a que chegou o Seminário, a mais urgente e imediatista, foi a necessidade da publicação de uma Antologia do Teatro Nordestino, reunindo textos dos mais representativos autores da região. A Antologia será coordenada pela Fundação José Augusto, com a participação das Secretarias de Cultura e Fundações Culturais dos demais Estados do Nordeste, que indicarão os autores e textos que representam seus Estados.

## O CONTO BRASILEIRO EM LIVRO DE HOHFELDT

O crítico e jornalista gaúcho, Antonio Hohfeldt, nos enviou um exemplar da segunda edição (revista e ampliada pelo autor) do seu livro CONTO BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO. O livro pertence a Série Revisão, da Editora Mercado Aberto, e historia a presença e evolução do conto brasileiro. Achamos ser um livro de máxima importância para estudantes de letras, estudantes de 2º grau e leitores em geral.

Os interessados que não consigam achar o livro nas livrarias das suas cidades podem escrever para a Editora Mercado Aberto Ltda. Rua Santo Antonio, 282, Cep 90220, Porto Alegre-RS.

## BRASÍLIA SEDIA FESTIVAL DE TEATRO AMADOR

O Festival Brasileiro de Teatro Amador estará acontecendo de 0[illegible] a 24 de julho, em Brasília. A promoção é da CONFENATA. A Confederação justifica a decisão de não mais realizar o Festival em Ilhéus, no Sul da Bahia, devido a falta de infraestrutura para a execução do FBTA.

A CONFENATA reafirma e garante boas condições de hospedagem aos participantes, além de assegurar transporte interno, alimentação e acesso livre aos espetáculos.

A Companhia Teatral Alegria Alegria, do Rio Grande do Norte, estará presente com o espetáculo "Era uma vez um Rei. . .", um inteligente texto de autoria de Jorge Romano, acompanhado por um belo e criativo figurino de João Marcelino. Aliás, João Marcelino é um dos artistas mais sensíveis deste Estado. Seja no palco ou fora dele.

## JOSÉ JOFFILY FALA DE MODERNIDADE E UNIVERSIDADE

O escritor José Joffily envia ao GALO o seu discurso de agradecimento ao receber o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal da Paraíba, ao mesmo tempo que nos felicita pelo lançamento do jornal.

MODERNIDADE E UNIVERSIDADE são os dois temas abordados por Joffily no seu discurso. Diz ele: "Sem apreço pelas limitações pessoais, pela liberdade de criação e pelo individualismo estético não há arte nem democracia".

## ARAGUARI FAZ CONCURSO DE CONTO E POESIA

A Academia de Letras e Artes de Araguari, Minas Gerais, envia ao GALO o Regulamento do 19º Concurso Nacional de Conto e Poesia/Ano do Centenário da Cidade de Araguari. O tema é livre. O limite máximo são seis folhas. O trabalho deverá ser inédito e enviado em 05 vias para a Academia de Letras e Artes de Araguari, Caixa Postal, 65, Cep 38.440, Araguari/MG. As inscrições estarão abertas até [illegible] de julho. Maiores informações pelo telefone (034) 241.2406.

## PROGRAMAÇÃO DA GALERIA DA BIBLIOTECA CÂMARA CASCUDO

A programação da Galeria de Arte da Biblioteca Pública Câmara Cascudo para os meses de junho e julho é a seguinte: Exposição Individual de [illegible] Araújo (10 a 16 de junho); Exposição Individual de Iran (10 a 23 de junho); Martha Andriewisk e Gian Piero Zagne (01 a 07 de julho); Exposição Coletiva de Mulheres Pintoras (08 a 14 de julho); Exposição Individual de Eupídio Dantas (15 a 21 de julho).

# Cartas dos Leitores

## UNIVERSAL

É bom saber que a gente não luta sozinho, que encontra sempre aqui e ali pessoas dispostas a levar em frente a alma do povo, a sua própria cultura. O GALO tem um papel de suma importância neste sentido, pois coloca em xeque a cultura do seu povo, sem deixar de ser universal, não se prende ao regionalismo bairrista, mas olha a cultura como um todo.

Belíssima esta edição de abril/88 que me chega às mãos.

Força pra vocês.

**Arthur Gomes**
Poeta/Rio de Janeiro

## JORGE FERNANDES

O jornal O GALO está magnífico, de altíssimo nível e explendidamente estruturado. Manifesto aqui o meu interesse em continuar a recebê-lo regularmente.

Na página 21 da primeira edição, um poema soberbo de JORGE FERNANDES, poeta natalense que se alinha com os melhores "malditos" da poesia brasileira, como Mário Faustino, Pedro Kilkerry, Torquato Neto e outros, que apesar de em épocas diferentes, se igualaram na maestria do trato poético de vanguarda.

**José Sales Neto**
Chefe do Departamento de Engenharia de Equipamento da Telebrasília/Distrito Federal

## SORTE

Temos aqui nas araucárias o NICOLAU. Finalmente a beleza, a crueza, a sinceridade artística e intelectual vai às bancas, às casas, aos conjuntos residenciais.

Se o mundo ainda está calado, vamos gritar e ver se ele acorda. Parabéns pela incitação às artes e à vida. Sorte. Que tudo corra bem.

**Ricardo Luiz Pedrosa Alves**
Poeta/Curitiba

## ALAVANCA

Faço votos pela perpetuação de O GALO, que se coloca, no momento, entre as melhores publicações, no gênero, do que temos notícia no resto do Brasil. Jornais culturais desse tipo se fazem necessários para evitar marasmo intelectual, e, sobretudo, evitar a unificação mental, a estandartização a que ficamos sujeitos, nos últimos tempos, pela imposição, em todo o país, dos mesmos tipos de leitura, informação, textos, autores, padrões emanados dos centros mais ricos ou industrializados, que vendem a crônica, o conto, o romance, o comentário, a filosofia, o editorial, a História, a reportagem para todos os jornais do país, como se vende chiclete ou sabonete, sem considerar os valores culturais de cada estado e região. O pior é que muitas vezes o material é de baixa qualidade.

Uma resistência faz-se mister, pela diversificação, para que não venhamos a ter, em pouco tempo, o leitor do Amazonas, do Rio Grande do Norte, do Sul, de Mato Grosso, todos, todos sem exceção, lendo a mesma coluna e o mesmo tipo de literatura do autor suburbano de Ipanema.

Neste sentido, é que vejo o lançamento de O GALO, como uma grande alavanca. Parabéns a todos vocês da terra de cascudo e de Auta de Souza.

**Adelino Brandão**
Escritor/Jundiaí-São Paulo

## CONQUISTA

Acho importante que o Rio Grande do Norte tenha conquistado esta publicação, sobretudo porque passa a ter um veículo específico para abordar e divulgar sua produção cultural. E vejam vocês que o Rio grande do Sul, que sempre se orgulhou de ter seus suplementos, agora não os tem mais, nem particulares nem oficiais, quem diria?

Bueno, a gente fica por aqui, mandando um abraço a todos, se colocando à disposição e, sobretudo, esperando continuar a receber a publicação.

**Antônio Hohfeldt**
Crítico e Jornalista/Rio Grande do Sul

## RESISTÊNCIA

Quem acompanhou o "boom" da imprensa alternativa na década de 70 não pode deixar de sentir a importância de O GALO. É uma continuidade do que de melhor apareceu naquele período como resistência ao mal tempo predominante na Arte, Cultura e Política do país. Evidente que O GALO é condizente com o seu tempo e atual período histórico, mas também tem um caráter de resistência. Há um vazio de publicações culturais no Brasil, e vocês estão ocupando um espaço que não poderia continuar em branco.

Desejo a continuidade e crescimento de O GALO por reconhecer que a contribuição que este jornal está dando as Artes e Cultura não pode ser barrada.

**Silas Nogueira**
Escritor/Ribeirão Preto

## "POEMA DE MINHA IRREALIDADE"

Muito gostei do poema de Luiz Rabelo (publicado em O GALO, Número 03, página 14), "Poema de Minha Irrealidade". Muito bom, mesmo. Palavras conexas e de grande expressão no texto, terminando com um doce impacto, agradável a quem, lendo o poema, verifica que é hora de dormir e sonhar com o conteúdo muito bem conduzido em suas diversas andanças e viagens, encontrando, por final, o porto para lançar âncora. Excelente.

**Vasques Filho**
Escritor/Fortaleza-CE

## VIGILÂNCIA

O GALO marca o grau cultural do povo potiguar, um Estado que nos deu um Câmara Cascudo não poderia deixar por menos. Tem mais um vigilante anunciando sua cultura e arte.

**Aristides Prado**
Presidente da Academia Jundaiense de Letras/Jundiaí-SP

## RESTAURADOR

Pelo que O GALO representa como restaurador da já tão dizimada cultura desta terra, é digno dos melhores encômios a nascença deste jornal em nosso mundo cultural. Parabenizo a todos que o fazem.

**Antonio Luiz Alves**
Natal-RN

## DIVULGAÇÃO

O GALO é um excelente divulgador da cultura potiguar.

**Carlos Jorge Appel**
Secretário Executivo do Conselho Estadual de Desenvolvimento Cultural/Rio Grande do Sul.

## ACORDAR

Quero agradecer pelo envio do simpático O GALO, que já li de ponta a ponta, dando de cara com velhos amigos como Tarcísio Gurgel, Socorro Trindad, Ignácio de Loyola Brandão (na seção de cartas), Edla Van Steen, Sérgio Sant'Anna e tantos mais que aparecem, de uma forma ou de outra, neste 2º número que acabo de receber.

Aí fiquei me perguntando: será que Woden Madruga ainda mora em frente de Luís Carlos Guimarães, o Poeta? Será que Newton Navarro já escreveu um livro tão bom quanto "Os mortos são estrangeiros"? Será que Dorian Gray ainda pinta? Será que natal ainda engarrafa a mais límpida água benta nacional, aquele néctar chamado Murim Mirim? Será que a Redinha ainda está viva e ainda lá? Será que ainda venta em Natal como antigamente? Ou o vento sumiu, cansado de ser personagem de Newton Navarro? será que Sanderson Negreiros já leu todos os livros do mundo? Será que Nei Leandro de Castro tem aparecido de vez em quando? Será que um dia eu ainda volto por lá?

Só sei que O GALO está cantando. Acorda, pessoal. Vamos trabalhar. Vamos escrever.

**Antônio Torres**
Escritor/Rio de Janeiro

"Só a loucura é que é grande!"

Fernando Pessoa